

**PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO**

**INQUÉRITO AGRÍCOLA  
E  
FLORESTAL**

**CONCELHO  
DO  
SEIXAL**

**1950**

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

INGUÊRIMO AGRÍCOLA E FLORESTAL

AO

CONCELHO DO BIXAL

Realizado por

V. Cardoso Valente - eng.<sup>o</sup> agrônomo

M. Alves Ferreira - eng.<sup>o</sup> silvicultor

Í N D I C E

PRIMEIRA PARTE: INQUÉRITO AGRÁRIO

	Pag.
<b>I - CARACTERÍSTICAS GERAIS</b>	
A - <u>Situação</u> .....	1
B - <u>Características Sistemáticas</u> .....	2
a) - Geografia .....	3
b) - Ecologia e agricultura .....	4
c) - Zonas agrárias .....	7
C - <u>Águas</u> .....	8
a) - Cursos de água .....	8
b) - Outros recursos aquíferos .....	10
D - <u>Vias de comunicação</u> .....	11
a) - Vias a construir .....	11
b) - Encargos de transporte .....	12
 <b>II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA</b>	
A - <u>Culturas e sistema cultural</u> .....	13
a) - Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e significação .....	13
b) - Adubamentos e rotações .....	21
c) - Sistema cultural .....	22
B - <u>Matéria orgânica</u> .....	21
a) - Estrume .....	21
b) - Lodo .....	22

c) - Silveira .....	02
d) - Outros .....	03
C - <u>Máquinas e artigos agrícolas</u> .....	03
D - <u>Doenças e pragas</u> .....	04
E - <u>Indústrias agrícolas</u> .....	04
a) - Oleícola .....	04
b) - Vinícola .....	05
c) - Indústrias derivadas da fruta .....	07
d) - Indústrias derivadas dos produtos hortícolas .....	08
e) - Apicultura .....	08
f) - Sericolultura .....	09
g) - Outras indústrias .....	09
F - <u>Quantidades e valores</u> .....	09
a) - Quantidades unitárias de produto .....	09
b) - Produções unitárias médias .....	09

### III - PRODUÇÃO E CONSUMO

A - <u>Produtos agrícolas que o comércio consome e não produz</u> .....	00
B - <u>Produções locais em quantidade insuficiente</u> .....	00
C - <u>Produções em processo</u> .....	00
D - <u>Produtos e artigos importados, necessários à indústria agrícola</u> .....	00

IV -	COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS	
A -	<u>Instalações</u> .....	61
B -	<u>Marchas de destino e suas tendências</u> .....	65
C -	<u>Ação dos organismos associativos</u> .....	65
V -	TRABALHO AGRÍCOLA	
A -	<u>Salários</u> .....	67
B -	<u>Movimentos migratórios periódicos</u> .....	69
VI -	PROPRIEDADE E EXPLORAÇÃO	
A -	<u>Tipos de propriedade</u> .....	70
B -	<u>Valores venais médios</u> .....	71
C -	<u>Formas de exploração</u> .....	75
VII -	CONSTRUÇÕES RURAIS	
A -	<u>Silos e silosiras</u> .....	77
B -	<u>Alotamento dos animais</u> .....	77

SEGUNDA PARTE: INQUÉRITO FLORESTAL

I -	IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO	
A -	<u>Importância e situação dos matos florestais...</u>	80
B -	<u>Importância e situação das associações florestais ou constituições provenientes de áreas milieoproduzidas</u> .....	82

C =	<u>Importância econômico-social da silvicultura</u> .....	85
II =	A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL	
A =	<u>Conceito regional da extensão da propriedade florestal</u> .....	85
B =	<u>Êtica cultural</u> .....	85
C =	<u>Exploração</u> .....	87
III =	ABANDONAMENTO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL, INCULTOS E BALDIOS	
A =	<u>Transformação cultural</u> .....	87
B =	<u>Incultos</u> .....	87
C =	<u>Baldios</u> .....	87
IV =	PIRAÇÃO DOS TERRENOS ABANDONADOS - CONDIÇÃO TERRITÓRIA	89
V =	ASSUNTOS DIVERSOS .....	101

TERCEIRA PARTE: OS PROBLEMAS DO CONCRETO

	GENERALIDADES .....	104
I =	CONSERVAÇÃO DO SOLO	
	<u>Erosão</u> .....	104
	<u>Fertilização</u> .....	106
	<u>Limpeza e defesa de certas terras</u> .....	107

II - ÁGUAS	
<u>Reposamento</u> .....	100
<u>Peças, furos artesanais</u> .....	100
III - FRUTICULTURA	
<u>Ecologia das espécies frutíferas</u> .....	100
<u>Varietades</u> .....	100
<u>Cavalo de enxertia</u> .....	110
<u>Polinização</u> .....	110
<u>Podas</u> .....	111
<u>Acondicionamento e calibragem</u> .....	111
IV - APICULTURA .....	112
V - INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS .....	112
VI - PROBLEMAS DIVERSOS .....	113

QUINTA PARTE

INQUÉRITO AGRONÓMICO

## I - CARACTERÍSTICAS GERAIS

### A - Situação

Na porção planície da península de Setúbal que da cerca da Ar rábia e encontra se estende para Norte, até ao estuário do Tejo de coliga-se o concelho de Seixal; confronta:

- a Norte, com o de Almada e "Mar de Fátima",
- a Sul com o de Setúbal,
- a Poente, com as terras da Charneca de Caparica, do concelho de Almada
- a Nascente, com a ribeira de Coima que o separa dos concelhos do Barreiro, Palmela e Setúbal.

Pertence à zona agrícola da "Outra Banda".

### B - Características Alimográficas

#### a) - Topografia

Do ponto de vista orográfico não tem em todo o seu território qualquer acidente de terreno que nos permita distinguir as -  
nas.

Apresenta o declive médio de 0,7%, que gradualmente se eleva, tanto no sentido Norte-Sul como Nascente-Poente e atinge o

ponto de cota mais elevada em Vale de Carvoeiros, no limite com Sesimbra.

Não é uma planície, porque as linhas de água que o atravessam em parte nascem lhe dão um aspecto ondulado característico, circunstância que o tornou aproveitada para proteger as culturas de milho, que na época em que são efectuadas necessitam ser defendidas da agressividade de alguns agentes climáticos. Este ondulado apresenta-se, aproximadamente, com a orientação norte-sul na parte do concelho situada a Sudoeste da ribeira do Judeu-Fernão Ferro e no sentido este-oeste, no restante.

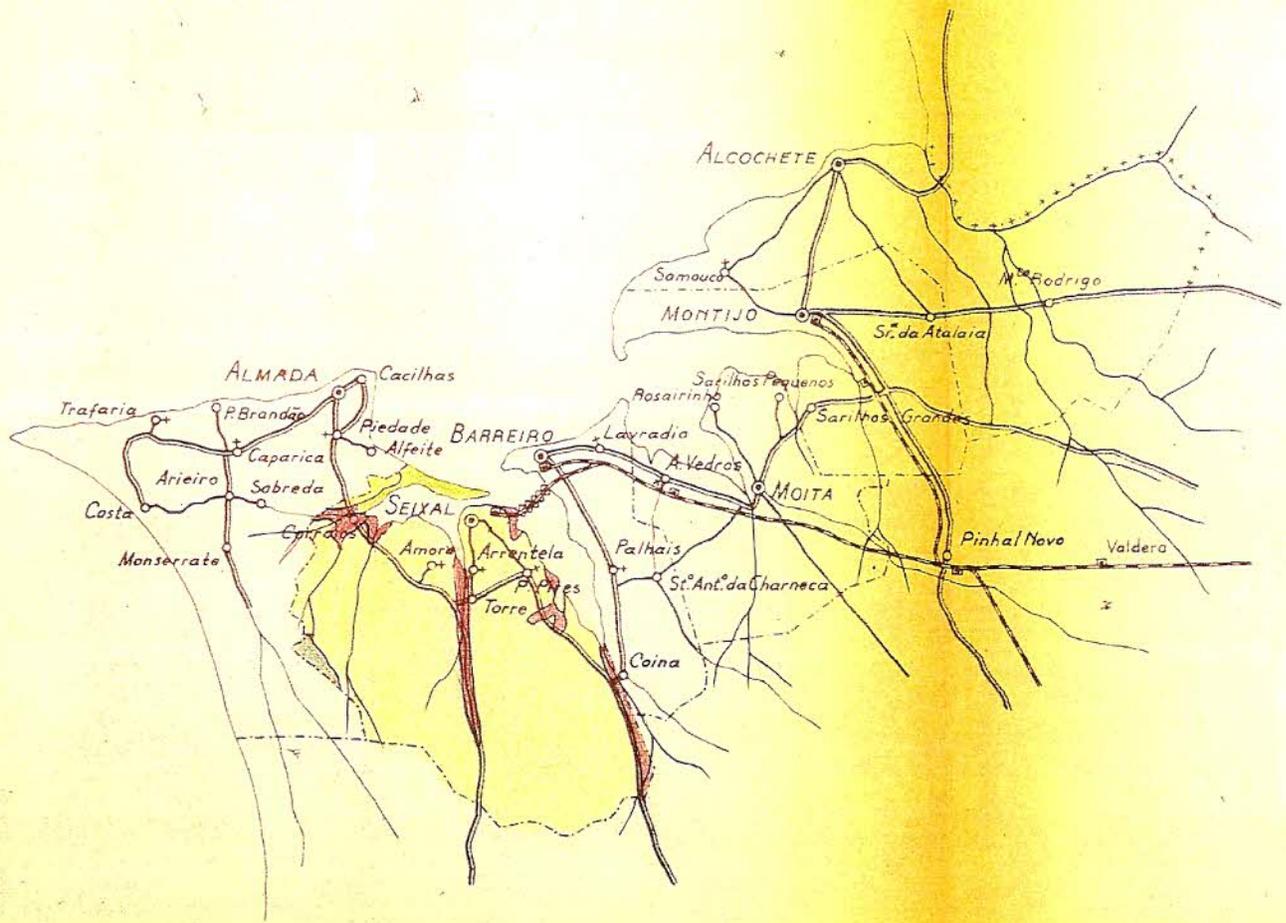
A área do concelho distribui-se pelos diferentes sectores geográficos de características mais salientes, constituindo, no conjunto, os seguintes de sectores de maior ou menor extensão, aproximadamente da forma seguinte:

Encosta .....	43%
Plano .....	37%
Vale .....	13%
Várzea .....	3%

A altitude máxima (85 m.), encontra-se em Vale de Carvoeiros, no limite com o concelho de Sesimbra, à esquerda da estrada de Lisboa a aquela vila e o ponto de cota mínima nos meandros do rio Tejo. A curva de nível de 48 metros deve definir, aproximadamente, a altitude média.

# CONCELHOS DE ALMADA, SEIXAL, BARREIRO, MOITA E ALCOCHETE

## ZONAS GEOLÓGICAS



-  *Moderno Aluvial*
-  *Pliocénico*
-  *Moderno Colico*

Escala - 1:250.000

As terras de cultura agrícola localizam-se, na maior exten-  
são, numa colina que borda o estuário do Tejo e os seus braços.

### b)-Geologia e agrologia

A formação pliocénica é a mais extensa, constituindo o su-  
strato de todo o concelho; também aparece a série inferior, ou  
eupliocénica, conhecida por "assentada de Alfaiate" e a superior,  
ou neopliocénica, também designada por "assentada de Alfaiate do  
Neco".

As características mais salientes destas séries podem des-  
crever-se, aproximadamente, assim:

- a pliocénica - grés mais ou menos grossos, de cor avermelha,  
arenosa ou cimentada, comite de argila micáceas ou grés  
quartzosos, e constituir calhaus; leitos de coque quartz-  
oso. O cimento é, por vezes, abundantíssimo de ferro, che-  
gando a formar "lâminas" paralelas aos estratos e rias a  
pedras de ferro mal-hidratadas.
- neopliocénica - comite de argila arenosa, rocha o nome var  
velha; grés finos, alveolares ou melcos, comite de grés de  
finos ou melcos quartzosos, de cor avermelhada, arenosa,  
arenosa ou cimentada.

Além das formações pliocénicas, junto ao estuário do Tejo  
e seus braços, no curso inferior das ribeiras de Colina e Abegos-

ria, Juba e Corvoles e nas proximidades do núcleo do Freixo, das Quintas de D. Maria, de Infante, de São. Maria, do Regio, da Lomba e do pinhal de Arcozelo, aparecem as formações quaternárias, agastando sobre aquela.

A formação quaternária do pinhal de Arcozelo, no limite dos concelhos de Alentejo e Beja, é de origem eólica, constituindo pedos que resultaram do transporte das areias do litoral marinho, que se elevaram; constituiu-se partículas silíceas soltas e que se juntaram detritos de conchas, etc.; as restantes partes desta formação resultaram da deposição de materiais carregados, em suspensão ou dissolvidos nas águas pluviais e marítimas, entre as quais se encontram conchas de animais e plantas aquáticas.

As formações resultantes da deposição e cimentação pelas partículas soltas, apresentam coloração que vai do cinzento claro ao negro, aparecendo, frequentemente, a cor amarela; ao contrário, as formações de origem eólica são sempre de coloração clara, por vezes quase branca.

Os solos são de formação local, com excepção dos da parte inferior de alguns vales; na generalidade são pouco profundos, agastando com frequência sobre camadas de argila, grés e mármore impermeável.

A variação constante de profundidade dos solos é característica específica dos que assentam nas formações eólicas do

sal do Tejo.

Podem dividir-se em duas classes distintas:

- terras baixas, normalmente de origem coluvial, exploradas quase sempre por culturas arvenses regadas e hortícolas; por sua vez, ainda podemos distinguir:

- a Várzea de Coia = terras argilosas, muito compactas quando secas e de difícil aração; ocupam cerca 1,4% da área do concelho ou 180 ha.

- a Várzea de Corroios = terras francas, ocupando cerca de 0,7% da área concelhia ou 80 ha.

- as restantes várzeas = terras franco-arenosas, abrangem de cerca de 1,3% da área do concelho ou 160 ha.

- terras de vale, encosta ou planas, exploradas por culturas de sequeiro e plantações (pomares, vinhas, olival, etc.) ou por espécies florestais; quando regadas, a água é elevada de poços ou furos artesanais.

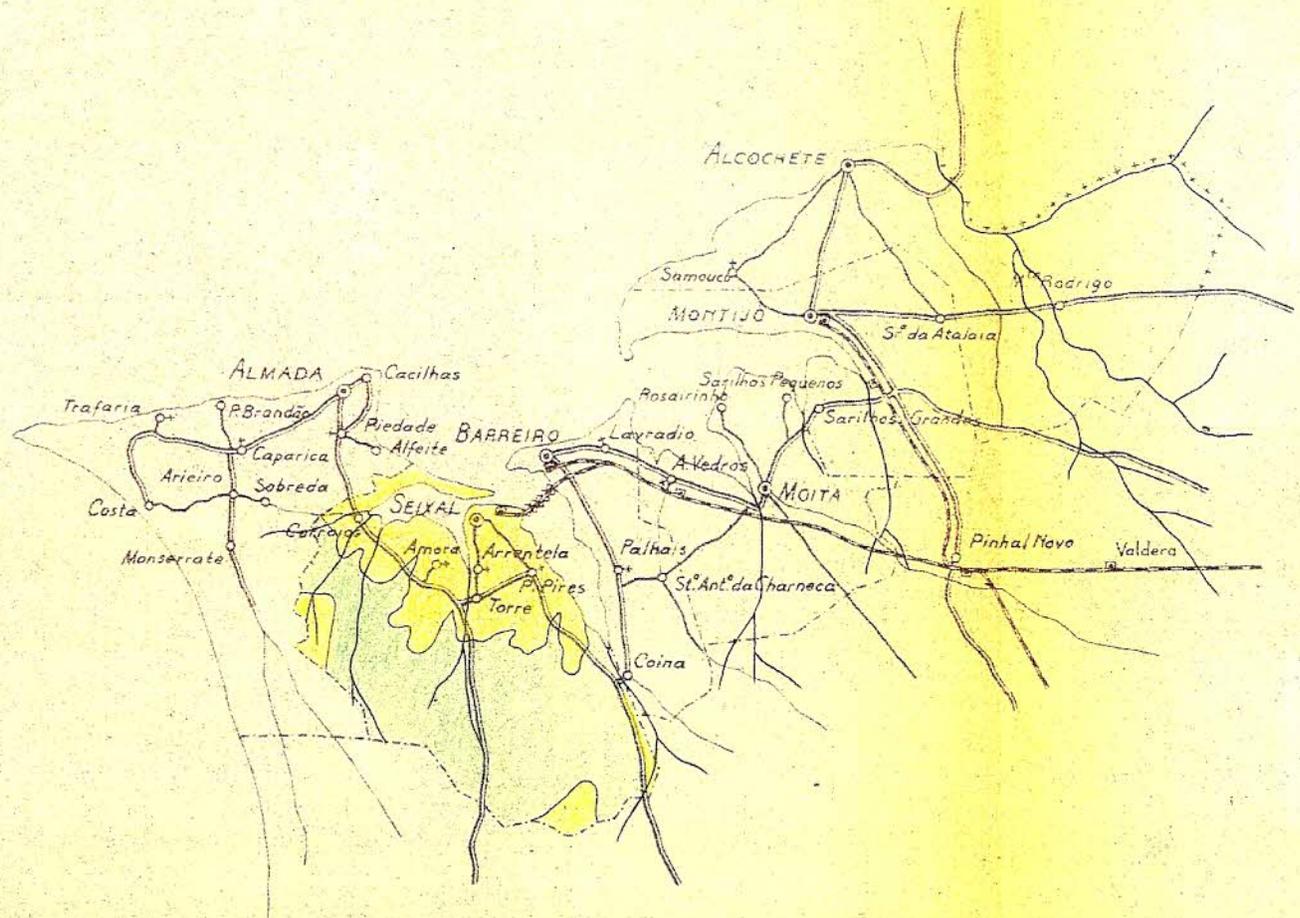
Podem subdividir-se por sua vez em:

- solos arenosos, cerca de 0,1% da área do concelho ou 7.375 ha.;

- solos franco-arenosos, cerca de 3,7% da área concelhia ou 317 ha.; resultaram mais da acção do homem do que propriamente das qualidades da rocha mãe.

# CONCELHOS DE ALMADA, SEIXAL, BARREIRO, MOITA E ALCOCHETE

## ZONAS AGRÁRIAS



-  Zona agrícola
-  Zona de charneca - pinhal

Escala - 1:250.000

Devemos elucidar que, as características físicas e químicas dos solos são diferenciadas em cada uma das zonas, por isso os dos elementos que as constituem, visto as rochas originárias têm bem apresentarem consideráveis diferenciações.

c)-Zona agrárias

Agricultamento distingue-se 2 zonas nitidamente diferenciadas, uma das quais ainda podemos considerar sub-zonas, caracterizadas pela influência que lhes imprimem a geologia, a situação topográfica, a hidrologia etc.

- zona da ribeira do interior - na sua quase totalidade povoada de pinhal bravo, situa-se na parte meridional do concelho, tendo como limite Sul, o do Serinho, a Norte, o do Alameda, a Oeste a vérvua do Coim e, a Norte, uma linha que partindo de fonte da Felvelra, vai aos foros da Catrapana, passa pela quinta do Feral, donde segue em linha recta até à da Mata, para inclinar para Norte até ao Foguetalva, donde se dirige para Sul até ao ponto trigonométrico do Sinões passando pelo Açorda - dor. Dirigindo-se novamente para Norte, passa junto à quinta da Infante, donde se dirige para a da Mira, passando pela de S. João; daqui vai quase em linha recta até Vale do Milhaço e Valadares, interceptando um pinhal, na extensão aproximada de 600 metros, onde encontra o concelho de Alameda.

Encravado no meio desta extensa mancha florestal encontram-se algumas parcelas de cultura agrícola, de sequeiro e regadio, cercadas por vides de frotelinas e vinha.

- Zona agrícola - ocupa a área restante do concelho e situa-se ao norte da mancha anterior do concelho de Alameda e de "Var da Felha".

Nesta zona ainda se pode diferenciar quatro sub-zonas, de área restrita, que correm ao longo das curvas de água (Várzea de Corroios, Rio Júcar e Seixas de Amore, Abegonria e Colina).

As rochas desta mancha são na generalidade de formação local e assentes nas formações do plioceno, exceptuando-se as das sub-zonas, de origem coluvial.

A superfície do concelho distribui-se, aproximadamente, pelas diferentes zonas, como segue:

- Zona de pinhal ou charneca	75% ou 0.144 ha.
- Zona agrícola .....	25% ou 0.048 ha.
Totais .....	100% ou 0.192 ha.

0 - Águas

a) - Curvas de água

Todas as águas neste concelho se dirigem para o leste.

As curvas de água mais importantes, que passam pelo concelho

lho ou lho servos de linteus, são as ribeiras de Coima, de Judeu e de Corroios, as três principais de regime permanente, na parte inferior do curso, e o terceiro de regime temporário.

O rio Coima, na época de estiagem, é de caudal muito na foz de Negreiros, onde entra no concelho de Belizal, mas, na parte inferior do curso, ou melhor, a partir da quinta do Cande, a meio da várzea do mesmo nome, pode fornecer um caudal de ordem dos 15 litros por segundo, nos anos pouco chuvosos, mas nos normais, pode ultrapassar 45 l/s.

O rio Judeu só tem regime permanente na parte inferior do seu curso, a partir da quinta da Mata, sendo o caudal de ordem dos 10 l/s., na época estival.

O aproveitamento destas águas faz-se exclusivamente para rega das terras marginais construídas-as, para tal, aqueductos ou regas em temporárias que lhe davam o nível e davam a direcção, de modo a entrarem por um pé nas valetas de rega que separam as "cabeças". A distribuição da água das valetas pelas "cabeças" faz-se com "cabeças", à mão, etc.

Quando a água provém de charcos, poços ou furos o processo de rega é sempre o mesmo, "à cabeça", donde resulta enorme economia de mão de obra mas grande economia de líquido, por ser o aproveitamento.

Aproveitando como força motriz a água salgada do Tejo, armazenada em depósitos ou "cabeças" durante a maré cheia, encon-

través, junto ao rio e seus braços, alguns açudes.

Há possibilidades de alargar a área regada desde que se verifique a viabilidade econômica e técnica de uma barragem no curso superior da ribeira de Coima, no limite dos concelhos de Setúbal e Beja, em Alentejo d'Ordem, próximo de Coima Velha.

A limpeza dos leitos dos cursos de água e a ordenação das suas margens tornam-se indispensáveis, para evitar nos períodos de inundações a que estão sujeitas e que provoca o arrefecimento das terras e sua desagregação, com o consequente alargamento de áreas improponíveis para a cultura.

#### b) - Outros recursos aquíferos

Com utilização de rede emprega-se ainda água proveniente de poços, furos artesianos, poços tabulares e charcos.

Na grande maioria todos os poços e charcos necessitam de melhoramentos, os primeiros para aumento de capacidade e caudais, os segundos para limpeza de paredes e aumento de capacidade, todos eles necessitando a instalação de sistemas elevatórios econômicos.

Os dados mais comuns para obter água de rede ocupam a seguinte repartição as posições relativas seguintes:

Água proveniente de ribeiras,	30%	de	área	total	regada
" " " poços,	50%	" " " "	" " " "	" " " "	" " " "
" " " charcos,	10%	" " " "	" " " "	" " " "	" " " "

Os recursos aquíferos do concelho são, pela dimensão, quase ilimitados; falta, pois, proceder à conveniente exploração das águas subterrâneas, cujas camadas aquíferas se localizam a profundidades que variam entre os 10 e os 50 metros. Para confirmar isto, será conveniente efectuar alguns furos de sondagem nas seguintes zonas principais: Serra da Moura, Várzea do Oculus, Várzea de Corrocion, Quinta da Cima, Forno Verde, Quinta da Prata, Alto da Arrentela, Vale do Milhago, etc.

Em relação à área total que beneficiará de rega com água elevada indicam-se, por ordem decrescente de importância, calculada por estimativa, os diversos sistemas elevatórios:

Motas	-	30%	da	área	regada	com	água	elevada
Electro-bombas	-	30%	"	"	"	"	"	"
Moto-bombas	-	30%	"	"	"	"	"	"
Mostas	-	10%	"	"	"	"	"	"

D - Vias de comunicação

a) - Vias a construir

Dadas as características topográficas do concelho, julga-se não desnecessária, por enquanto, a construção de novas vias de comunicação, porque a viação actualizada aproveita bem as existentes e atinge todas as zonas.

## D)-Encargos de transporte

A produção agrícola destina-se, em grande parte, ao mercado de Lisboa, para onde é transportada em carros de tracção animal ou veículos com motor ou barcos pelo que, ao encargo de transporte por via ordinária, há que juntar o custo de passagens de rio, cujo encargo é:

Quadro I

Veículos e animais	Encargos	
	Carregado	Vazio
Furgonete até 1.000 Kg.	30,00	15,00
" " de 1.000 Kg.	30,00	30,00
Camionete até 1.500 Kg.	30,00	20,00
" " 2.000 Kg.	45,00	40,00
" " 3.500 Kg.	60,00	45,00
" " 4.000 Kg.	60,00	60,00
" " 4.000 Kg.	100,00	75,00
Carros de burro	5,00	5,00
Colera de um animal	10,00	10,00
" de dois animais	17,00	17,00
Carrinhos, cabras, etc.		1,00
Barros, porcos, etc.		3,00
Cavalo, mulo, etc.		3,00
Boi, vacas, etc.		5,00
Casa de batata, estufas de fruta		1,00

Os encargos de transporte por via fluvial directamente das  
cais de concelho para Lisboa, são:

- pelo barco de carreira

Saco de batata, de 50 Kg. ....	1,400
Cabas de fruta .....	1,450

- pelas "felices"

Saco de batata, de 50 Kg. ....	1,400
Cabas de fruta .....	1,450
Tonelada de mercaderia geral .....	10,000

----- > -----

Encargo de transporte por tonelada/quilometro

camionete até 2.500 Kg. ....	1,200 a	3,500
" até 4.000 Kg. ....	1,400 a	1,800
" com mais de 4.000 Kg. de carga	3,700 a	1,400
carro de muletas .....	4,500 a	6,500
" " boia .....	4,500 a	10,000

----- > -----

Custo de feira

Atas (porche) .....	100,000 a	100,000
Borlas (Junta) .....	100,000 a	100,000

O custo do km do carro de tração animal é inversamente proporcional à distância percorrida; outro tanto sucede com os valores de motor, mas aqui as diferenças não se tornam tão sensíveis porque este meio só é utilizado para distâncias razoáveis, em geral superiores à que um carro de tração animal pode efetuar num dia de trabalho.

## II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

### A - Culturas e técnicas culturais

a) - Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades

Embora só, aproximadamente, 23% da área total do concelho esteja em cultura agrícola esta, no entanto, atinge na maioria das explorações elevado grau de intensificação, verificando-se o aparecimento de quase todas as plantas adaptadas ao nosso clima e cujos produtos têm mercado assegurado no capital ou arredores.

Sendo a área agrícola relativamente reduzida também o são, por consequência, as que se destinam a cada uma das culturas mais importantes, mas entre estas algumas há economicamente preponderantes e que se distribuem pela forma seguinte:

Quadro II

Importância económica relativa		
Grande	Regular	Pequena
Oliveiras	Alho	Trigo
Citrinos	Ferroses	Cevada
Pescagoneiras		Centeio
Amendoalmeiras		Avola
Macieiras		Harina
Figueiras		Arroz
Arvores		Castanha
Batatas		
Repolho		
Fencho		
Fava		
Vinha		

- Em sequeiro exploram-se as culturas arvenses: milho, trigo, cevada, aveia, centeio, serradela, etc.

- Algumas culturas correntemente consideradas como hortícolas são aqui, como nos outros concelhos do sul do Tejo, cultivadas em grandes extensões tanto em terras de sequeiro como de regadio, havendo só que se diferenciar as espécies culturais. Por isso, organizou-se um quadro indicativo da posição relativa de cada uma dentro dos tipos que pode revestir, sabendo-se que é maior a importância económica destas culturas quando na localidade sequeiro.

quadro III

Importância económica relativa					
Sequeiro			Regadio		
Grande	Regular	Pequena	Grande	Regular	Pequena
Ervilha	Tomate	Abóbora	Betate	Tomate	Fava
Betate	Melão	Melancia	Repolho	Couve	Cenoura
	Fava	Melão		Ervilha	Nabo
		Grão de bico			Melão
		Cebola			Morango

Em regadio cultivam-se as plantas arvenses, cuja importância total na economia agrícola do concelho é diminutíssima: -milho, berza e azevém.

- De todas as culturas extensivas a que tem maior importância para economia das explorações é a de vinha; no entanto, não podemos deixar de referir a do amendoal porque a sua utilização está muito generalizada na fixação dos taludes das vales principais de rega, aparecendo alguns casos de plantação regular, com titulações culturais estreitas ou consorciadas.

Quando, em princípios de 1950, procedemos ao levantamento do Censo Agrícola deste município procurámos determinar o número total de fruteiras e que tem tal interesse que nos fosse conveniente inserir os elementos colhidos, visto terem a garantia de uma colheita directa e cuidadosa. Posteriormente outras plantações se efectuaram, uma das quais se notabiliza pelo seu número: 1.200 de trinos.

Quadro IV

Espécies	Número
Oliveiras	24.053
Citricas	12.709 + 1.200
Mangueiras	10.214
Amendoalinas	8.811
Arvores	8.200
Figueiras	8.000
Macieiras	8.700
Mamoeiras	8.200
Castanheiras	800
Amendoalinas	801
Amêndoas	801
Mogaveiras	80
Alfarrobeiras	80

- Com destino exclusivo à alimentação do gado cultivam-se:

Cevada

Aveia

Ferrejo, em mistura de cevada e aveia

" " " " " " " centeio

" " " " " " " fava

Berçaim

Milho

Anovida

Nabo

Quase todas as culturas fornecem produtos secundários com utilização na alimentação do gado, em quantidades muito variáveis de época para época.

Quadro V

Culturas	Produtos e sua natureza
Vinha	Resíduos do fabrico do vinho. Passas
Tecate	Fruto impróprio para consumo ou quando os preços não são remuneradores
Batata	Tubérculos pequenos ou cortados
Milho	Folha
Trigo e centeio	Folha e alimadura
Ervilha e Fava	" , vagens secas e grão
Repolho e couros	Folhas; plantas, quando o preço não é remunerador; refugos
Abóbora	Folhas; frutos quando o preço não é remunerador; refugos
Melancia e melão	Frutos, quando o preço não é remunerador; refugos
Selinho	Folhas
Oliveira	Resíduos
Fruteiras em geral	Frutos impróprios para consumo; frutos, quando o preço (como do figo) não é remunerador; refugos
Canouva	Refugos

» Das espécies actualmente cultivadas, tem melhor adaptação as seguintes:

- Culturas arvenses de sequeiro: = ervilha, fava, batata e feijão.  
 " " " regadio : = batata, couves, milho, berçim e anovém  
 " arbustivas : = vinha e marmeleiros (nos solos frescos)  
 " arborícolas : = damasqueiro, figueira, laranjeira, nespereira, pereira e oliveira (1)

Não encontramos elementos para orientação segura na escolha das variedades das culturas mais importantes mas, de acordo com o que pudemos observar, indicamos as características que mais devem interessar:

Ervilha: = anã, temporã, resistência à secura e ao oídio

Fava : = temporã e resistência à alforra

Tomate : = precocidade, resistência à secura, redução do número de sementes, boa aceitação para consumo em natureza culinária, industrial

Batata : = de sequeiro: variedades temporãs, resistentes ao oídio e de boa conservação em armazém

de regadio : qualquer variedade resistente ao oídio e, ainda mais que a anterior, de boa conservação em armazém

(1) - A oliveira vegeta bem em quase todo o concelho; contudo, a sua produtividade e vida são relativamente baixas.

- Cevada** : - resistente às doenças; quando se destina a ser feito deve ser de palha alta e de rápido desenvolvimento
- Foljão** : - anão, temperado (os dois indicados são o "patateiro castanho" e o "manado")
- Trigo** : - procedência: Espanha, Alemanha, França, Provença da Itália
- Repolho** : - lombado de pé curto e branco de Holanda de pé curto
- Vinha** : - maturação tardia nas áreas de zona; resistência - cia ao né curto e ao mídio; de boa fecundação
- Almeirão** : - macerado, cótico
- Carquejeiro** : - variedades temperadas e de frutos grandes
- Laranjeira** : - de Setúbal e da Beira e, para se evitar os ataques da mosca do mediterrâneo, uso de castas que lhe dão precocidade e antecipação de maturação.
- Amêijoara** : - pérola

Como foi dito, não há elementos seguros para a escolha das variedades; por este facto, seria conveniente introduzir algumas, procurando determinar o seu grau de adaptação e vantagens ou inconvenientes, em comparação com as existentes. No que diz respeito à vinha, torna-se necessário procurar determinar as castas mais adaptáveis ao meio agrícola e a sua afinidade com as castas locais ou a introduzir, tanto para as que se destinam a ser para o fabrico de vinho como para o consumo em natureza.

As culturas arbóreas existentes precisam de ser estudadas no que se refere à sua adaptação ao solo, à produtividade de produção, às afinidades entre corais e garras e à improdutividade, (principalmente no que se refere à madeira, desaquecimento, por madeira e madeira quando em plantação regular para os corais e variedades).

Seria de grande alcance fomentar o alargamento de algumas culturas entre as que actualmente se exploram e que têm possibilidade de aumento de área:

#### Castanheiro

Dispersas pelo concelho existem 633 árvores, vegetando e frutificando em boas condições apresentando, por vezes, exemplares cujo porte é comparável ao dos melhores das regiões de Beira e de Trás-os-Montes.

Julga-se que a espécie poderá frutificar com relativa aptidão à de outras zonas do país pelo que teria, deste modo, possibilidade de concorrer com os produtos de outra origem nos mercados externos, se fosse as quantidades produzidas o justificassem. Seria, se necessário, portanto, difundir variedades de castanção temporária, escolhidas por selecção nas zonas consagradas ou importantes.

## Laranjeira

Constituído por um estamo, conhecidos em dispersos por todo o território existem 13.720 citrinos, o que é prova mais que suficiente de boa ou, pelo menos, regular adaptação da espécie ao meio, desde que as lavouras fossem feitas por meio de locais obrigados dos ventos frios e se seleccionem as variedades de maturação tardia, que assegurem a colheita de fruta no próximo mercado de Lisboa, em época anterior à da concorrência de outras origens e desde que não corra os enormes prejuízos a tender das pragas de mosca de mediterrânea.

## Repolho branco

Tem boa adaptação na cultura invernal e mercado assegurado em Lisboa e nos concelhos próximos, a preços normalmente muito superiores, pelo que a sua área pode aumentar se a época de colheita for convenientemente escolhida. Toma-se necessário, neste caso como em tantos outros, procurar obter a semente no país, devendo ter garantia oficial de pureza, sanidade, etc.

## Faba e concurn

Estas culturas apresentam-se produzidas na exploração em colheita em época convenientemente escolhida, de modo a não sofrer a concorrência das tradicionais fontes abastecedoras do país.

o principal mercado de consumo.

#### Ferreagens

A sua expansão está indicada com o fim de tornar mais ricas mais as dotações existentes e fornecer matéria verde para a alimentação dos gados leiteiros e de trabalho, preferindo-se as leguminosas.

#### Vinha

Aumentaria a riqueza do concelho por permitir a cultura de terras que não podem valorizar-se de outra forma, salvo com a plantação florestal. Os produtos têm mercado local assegurado e a sua colocação garantida nos mercados próximos quando temporária ou quando muito necessária.

#### Ribeiras

Tem nas águas do concelho a melhor adaptação. Pode estabelecer-se a natureza e mercado de Lisboa e fornecer produtos para a alimentação do gado, fabrico de álcool ou passas, etc.

- As modificações preconizadas podem alterar a estrutura económica e social do concelho, mas torna-se possível o equilíbrio de algumas explorações, onde actualmente não existe ou é precário -

rio e que, por vezes, resulta do desconhecimento de alguns princípios básicos ou da falta de iniciativa, para integral aproveitamento tanto das possibilidades agrícolas dos solos, como dos produtos obtidos ou que podem obter-se com a garantia, quase certa, de sua colocação a preços convenientes.

#### b) - Acolhimentos e rotações tipo

Nas terras de sequeiro não há, praticamente, acolhimento de flúido; não há rotações pré-estabelecidas, e cultura varia com o capote; nas terras regadas já se encontram uma relativa fixidez.

Procurar-se-á no entanto, indicar com relativa aproximação a sucessão de culturas em algumas rotações-tipo.

Solos arenosos de sequeiro, terra seca

- 1º ano = alqueive com milho
- 2º " = trigo
- 3º " = farrago (cevada, aveia ou centeio)
- 4º " = ervilha, fava ou feijão

Outras:

- 1º ano = ervilha
- 2º " = tomate
- 3º " = fava, ervilha ou feijão
- 4º " = trigo, centeio ou pastagem

## Cebada:

- 1º ano = alqueive com milho
- 2º " = trigo
- 3 e 4 anos de descanso

Cultura intercalar no viado ou peneiro, em solos arenosos de sequeiro

- 1º ano = milho com feijão
- 2º " = ervilha ou feijão ou fava
- 3º " = descanso
- 4º " = feijão, ervilha ou fava

Solos aluvionais, em cultura de sequeiro

- 1º ano = farrujo ou pastagem + tomate
- 2º " = fava
- 3º " = trigo

## Cebada:

- 1º ano = milho
- 2º " = pastagem ou farrujo + tomate
- 3º " = batata
- 4º " = fava
- 5º " = pastagem ou farrujo + tomate

Terras de várzea, com água para rega

Batata + repolho

ou

1º ano = batata + repolho

2º " = hortaliças (couve, nabo, feijão, etc.)

3º " = faveiro ou ervilha + repolho

4º " = batata + feijão ou milho

Para se fazer ideia, embora com possibilidade de certo erro, da distribuição da cultura pela superfície agrícola, durante o ano, apresenta-se seguidamente, as suas possíveis percentagens em relação ao total de área ocupada.

Quadro VI

Cultura	Tipo de cultura			
	Cultura entreada	Intercep- lar	Várzea	Terras regadas
Arroz	100%	100%	100%	•
Nabo	100%	100%	100%	10%
Batata	100%	•	100%	•
Feijão	100%	•	100%	•
Faveiro	100%	•	100%	10%
Repolho	100%	•	•	10%
Milho	100%	100%	•	•
Soja	100%	100%	•	•
Centeio	100%	•	•	•
Arroz	100%	•	•	•
Soja	•	•	100%	•
Batata	•	•	•	10%
Hortaliças	•	•	•	10%
Ervilha etc.	•	•	•	10%
Outras	10%	•	•	•
	100%	100%	100%	100%

Como ficou dito, as rotações indicadas no caso das terras de sequeiro não são fixadas; a cultura a efectuar depende das perspectivas do mercado e, na maior parte das vezes, da capacidade e disponibilidades financeiras do agricultor na época das sementeiras que, por sua vez, provém do resultado económico do ano anterior, no caso mais geral.

Em elevado número de casos as rotações não satisfazem, pelo que se torna necessário introduzir algumas alterações contendo-se, no entanto, as actuais culturas, pois encontram mercado seguro e a preços compensadores; deste facto, resultará diminuição da área de algumas das plantas cultivadas e alargamento de outras.

Em boa doutrina a cada exploração ou melhor, a cada parcela de terreno, com características agrícolas afins, deve corresponder uma rotação; no entanto, as práticas das colheitas procuram fazer dar uma ideia da rotação, com carácter geral, para alguns tipos de solo mais comuns, dada a grande variabilidade destas em todo o concelho e, por vezes, em zonas muito restritas.

- Terras de sequeiro, em cultura estranha

1)- Terras mais altas, com a camada impermeável a 50-60 cm.

1.ª ano - batata, de variedade temperã; nos mobilização do solo com sub-colagem, fertilização com lamas ou estrume de curral e aplicação localizada de adubos químicos-orgânicos.

Plantação do "estanco" (enterramento do estirpe com o resíduo na altura da plantação, curvando de uma ponta).

- 1º ano - ervilha má, temporã, com boa estrumeação.
- 2º " - tomate temporã, com boa fertilização orgânica.
- 3º " - alfaceço, seguida de milho ou tomate.
- 4º " - trigo precoce, com adubação na cobertura se necessário.
- 5º " - fenofo ou forragens, seguidas de feijão com boa fertilização localizada.

### 2) - Solos mais compactos

- 1º ano - fava, com mobilização do solo e subselegem.
- 2º " - tomate, com boa estrumeação e mobilização.
- 3º " - trigo.
- 4º " - alfaceço, seguida de milho.
- 5º " - fenofo ou forragens com feijão e estrumeação localizada.

### 3) - Solos elevados, sem água para rega

- 1º ano - fava com estrumeação.
- 2º " - tomate com estrumeação localizada.
- 3º " - ervilha, má.
- 4º " - alfaceço, seguida de milho.
- 5º " - trigo
- 6º " - fenofo ou forragem, seguidas de milho ou feijão.

Nas terras férteis não se manter as actuaes rotações desde que as detecções anuais de matéria orgânica sejam abundantes.

### c)-técnica cultural

#### Trigo

Nos solos mais compactos deve procurar-se o aumento da produtividade das lavouras, por rotações sucessivas, podendo chegar-se, com vantagem, aos 15 an.; de 3 em 3 anos, uma subcolagem.

As fertilizações porosa, resumidas e nitroto de sócio "em cobertura", com superfosfato de cálc "em fundo", devem anteceder-se de adubações e estrumeações abundantes, nas culturas successivas anteriores.

A semeadura a largo deveria substituir-se pela cultura em linhas, feita a semear, arando o terreno "à margem", com a largura daquela máquina. A densidade deve aumentar em certos casos para 100 quilos por hectare, função de maior ou menor propagação da variedade para o afinamento.

A aração à rasa deve ser substituída pelo espigado, quando não se dispõe de semeador, trabalho que pode effectuar-se em grades de rodas aradas com derroçadores, nas terras mais leves. Quando se dispõe pelo, ainda, substituir-se o espigado, nas semeaduras a largo, pela "margem" estreita, de 0,7 a 1 metro.

A sacha de trigo em linhas deve effectuar-se manualmente,

utilizando o cultivador, por exemplo.

### Batata

As covas e lavouras devem ser profundas, e que pode obter-se por graduações sucessivas e nunca duas vezes só, quando as colheitas apresentarem certa compactação.

As fertilizações orgânicas e químicas devem ser generosas, aconselhando-se:

lodo ou estrume	40 Ton.
superfosfato 18%	500 Kg.
sal potássico	500 "
azoto, fracionado na plantação e cobertura	50 "
cal apagada	500 "

A plantação deve ser precedida do pre-estolamento, totalmente desconhecido nos seus benefícios.

Procurar efectuar todos os trabalhos e arrumos por meios mecânicos para que a cultura se torne mais económica, baixando os preços de custos, hoje elevados.

### Culturas interseccionais

Exceptuando casos experimentais nenhuma cidade se dispunha de máquinas, pelo que será necessário convencer o pessoal dos benefícios das fertilizações orgânicas suficientes, etc.

nica da sua aplicação, realinação de pedas equilibradas e orientação nos tratamentos fito-sanitários, técnicas de rega, de acordo com a secure do solo e espécies, etc.

Durante o período de seca há toda a necessidade em efectuar regas, procurando proteger as caldeiras com palha ou feno, para evitar os prejuízos da rápida evaporação, especialmente grave quanto às plantas ainda jovens e, consequentemente, de fraco desenvolvimento radicular, normalmente superficial.

O produtor deve orientar-se na forma de valorizar a sua produção pela escolha e calibragem dos frutos e apresentação das toras, quando se envia para o mercado interno.

#### Fonte

Teria certo interesse os economistas desta cultura, obter cada exploração numa pequena escala ou estadia para conseguir a auto-suficiência das plantações, o que permitiria iniciar a colheita em época anterior à da concentração de outros centros abastecedores do mesmo mercado, os quais, geralmente, produzem por mais reduzido preço do custo.

#### B - Materia orgânica

As principais fontes de matéria orgânica destinada à fertilização das terras são os lizes (de Alameda, de Lisboa e das povoações e sedes de freguesia) e os estrumes de cavalo. Os lizes são

presentes, em relação ao total da matéria orgânica empregada, aproximadamente 70%, correspondendo os 30% restantes ao estrume de curral.

#### a) - Estrumes

Os estrumes são insuficientes para as necessidades locais, podendo atribuir-se as deficiências respectivamente, às seguintes causas:

- grandes necessidades de matéria orgânica para manter as produções terras de baixa produtividade natural e que, devido ao clima, textura dos solos, etc. é rapidamente decomposta;
- inaproveitamento dos excrementos das povoações e, caso, das particulares;
- reduções efectivas pecuárias, em relação à intensidade cultural atingida;
- não preparação de estrumes artificiais.

As deficiências devem-se, pela importação de lamas de Alemanha e Lituânia e pela aquisição de bagaçotes de oleaginosas.

Das causas do gado empregam-se: matos, vegetação espontânea naspa dos campos de cultura, palhas de cereais e restos de todas as outras culturas (ervilha, fava, batata, couve, etc.).

Não há falta de matos porque os proprietários dos terrenos pinhais do concelho permitem gratuitamente o seu corte, em qual-

quer época do ano e nas quantidades desajadas.

As quantidades de feno e de raspão, provenientes da vegetação espontânea, utilizadas nas zonas de gado, dependem das chuvas caídas e, principalmente, da altura em que caem.

As palhas disponíveis são insuficientes, porque a área cultivada de pragueiros é devasta em relação às necessidades de alimento; por isso, o criador recorre, normalmente, à importação.

Os estrusos em lixos são, em regra, enterrados com as lavuras e cura de searentina e, mais raramente, com certa antecedência, mas sempre pouco tempo após a distribuição.

Consideramos não ser racional nem economicamente possível dispor de maiores quantidades de estruso pelo acréscimo do número de cabeças de gado, pois a área disponível para a cultura de forragens dificilmente pode ser aumentada sem distinção sensível das actualmente dedicadas a outras culturas mais remuneradoras. Restaria, pois, a solução de alimentar o gado com produtos adquiridos no mercado, o que seria precário, julgamos, mesmo, anti-económico a exploração pecuária neste sistema, infelizmente bastante generalizado em algumas zonas abastecedoras de leite da cidade de Lisboa.

Os estrusos não sofrem qualquer preparação ou cuidado depois de sair do estomago do gado; para o seu melhor aproveitamento seria indispensável construir plataformas impermeáveis, como de terra argilosa batida, dependendo-se de uma forma para apresentar as es-

carritinhos, a utilizar na foga.

Dever-se-ia fomentar estas construções mesmo que, para tanto, o lavrador fosse auxiliado financeiramente.

### b) Lixo

O aproveitamento dos lixos faz-se pelos serviços camarários, na sede do concelho, e pelas Juntas de Freguesia, nas outras localidades. Não sofre curtimento prévio, porque no próprio dia da recolha são entregues ao comprador que o aceita ou não com os escrementos que possui na exploração. Desta modo a matéria orgânica proveniente dos lixos é lançada à terra muitas vezes sem qualquer curtimento, neutros, passados 15 a 30 dias sobre a mistura. Não são regados, cortados, triturados ou enriquecidos em elementos fertilizantes, com líquidos de fossos ou adubos químicos concentrados, por exemplo. Durante o curto período de curtimento libertam-se muito, que se perde, por falta de adequado tratamento.

Nos lixos da sede do concelho predominam os seguintes materiais: restos de hortaliças e peixe, cinzas, palha, papéis, ossos e, durante o outono, as folhas das árvores das ruas públicas e quintais etc.

Um carrista de lixo, 500 quilos, vale em média 30,00, preço no local onde a Câmara faz a montareira. De Lisboa e Alameda importam-se lixos em elevada quantidade sendo os primeiros transportados de barco até qualquer dos cais das margens do Tejo ou dos seus braços e os seguintes colocados nas propriedades em proximidade

des, utiliza-se como meio de transporte, a corrente.

O custo médio de lixo importado é aproximadamente o seguinte, por tonelada:

#### Lixo de Lisboa

1) - em barco de 70 ton., no caso de desembarque:

Lixo e transporte de Lisboa .....	2.000,00	
Descarga no cais .....	610,00	
Barqueiro (caldeirada) .....	50,00	
Câmara Municipal e Guarda Fiscal .....	10,00	2.670,00
Transporte à propriedade (média) 35 carradas a 40,00 .....		<u>1.440,00</u>
Total .....		3.800,00

Custo da tonelada na propriedade 54,00

2) - em barco de 40 ton., no caso de desembarque:

Lixo e transporte de Lisboa .....	1.300,00	
Descarga no cais .....	350,00	
Barqueiro (caldeirada) .....	50,00	
Câmara Municipal e Guarda Fiscal .....	10,00	1.650,00
Transporte até à propriedade (média) 22 carradas a 40,00 .....		<u>880,00</u>
Total .....		2.540,00

Custo da tonelada na propriedade 63,70

## Lixo de Alameda

Transporte em camionete (cerca de 3.500 galões) posto na propriedade ou proximidades, até ao limite de São Marcos e Fomão Ferro:

Custo de lixo e transporte de Alameda .....	550,00
Preço de tonelada na propriedade .....	65,00

As culturas que são beneficiadas dos lixos locais ou lugares - todos são: ervilha, fava, batata, repolho, tomate, hortícolas, vinha e pomares de citrinos.

As quantidades de lixo obtidas no concelho não justificam, por enquanto, qualquer estado especial destinado ao seu melhor aproveitamento.

## c)-Adubação

Se conhecemos uma exploração que cultiva plantas com o destino exclusivo de incorporação de matéria orgânica no solo; para tal usa estrume e trevoilhe, cuja produção, em 1950, deve ter ultrapassado as 35 Ton. por hectare. Destina-se a beneficiar as culturas de vinha, os pomos de citrinos e os citros.

O proprietário pratica a adubação há seis de cinco anos e afirma não ter variado muito as volúmenes unitários obtidos.

Custo médio de adubação dos hectares de vinha com trevoilhe (1950); despesas:

**Sevento**

200 litros de tremocilha, a 2,00	400,00	
----------------------------------	--------	--

**Senosção**

1/4 jornal de homem, a 25,00	6,25	
------------------------------	------	--

**Sevantaíra**

5 jornas de mulher, a 18,50	100,00	
-----------------------------	--------	--

4 jornas de homem, a 25,00	<u>100,00</u>	506,25
----------------------------	---------------	--------

Enterramento à enxada, por espreitada, com o arranque manual das plantas

1.500,00

Total

1.006,25

Custo aproximado da tonelada de matéria verde enterrada: 31,50

Como os intervalos das videiras são pequenos, todos os trabalhos são manuais de que resulta elevado aumento de despesa em relação à que se efectua com o auxílio do gado.

A tremocilha é arrancada e não colhada, porque os proprietários estão convencidos que o trabalho é mais perfeito e mais favorável os resultados económicos. Utilizando a tremocilha estamos convencidos do seu interesse na prática corrente, como fonte de matéria orgânica convindo, no entanto, experimentar outras leguminosas do género *Lupinus*, em cultura estreme ou consociação com outras da mesma família ou gramíneas, de modo a evitar os perigos dum uso desfavorável àquelas plantas.

A cimento deve enterrar-se utilizando a grade de arcos, de discos ou outro; para o enterramento da matéria verde procurar-se-á utilizar charruas de tracção animal ou mecânica, que fazem um trabalho bastante perfeito se, previamente, se passar sobre as plantas um cilindro ou, mesmo, um "rojão". Deste modo, o preço de custo da tonelada de matéria verde, para as mesmas produções, baixa para \$4500, aproximadamente.

Esta prática tem êxito assegurado quando utilizada na fertilização de vinhas, pomares, olivais, podendo fornecer, simultaneamente, boa pastagem para ovelhas durante um ou dois meses, sem quebra sensível do volume final de matéria verde para enterrar, quando esta prática fôr convenientemente orientada.

Nas terras destinadas a cultura intensiva ou primoras, só é viável quando se lhe possa seguir tomate ou milho, em que o primeiro não dispensará a respectiva fertilização localizada.

#### 6) - Guano

Há duas fábricas de guano; uma utiliza bacalhan impróprio para consumo e a outra o peixe nas mesmas condições, proveniente do frigorífico de Lisboa. A primeira faz conjuntamente o aproveitamento de "vassas" (deposição de animais e plantas marinhas) numa calçada que possui junto das máquinas que lhe fornece água para o accionar; a "vassa" depois de seca chega a conter 25% de matéria orgânica.

Só parte destes produtos se destinam a gado, porque a maior parte entra na preparação de farinhas alimentares para gado.

Todo o produto manipulado sai do concelho para os armazéns de Lisboa e Beirós.

O agricultor desta região não faz uso de guanos, mesmo em composições mais complexas.

#### C - Máquinas e alfaias agrícolas

Encontra-se no concelho o seguinte material agrícola:

Quadro VII

Uso	
Corrente	Raro
Charruoccos	Tractores 5 de 30 H P
Grados de dentes	Pulverizadores mecânicos 8
Carretas para bois	Cultivadores ..... 1
Carros de burros	Alambiques
" de muros	Debilhadores
Moedores de uva	Moras
Pressas " "	Moto-bombas
Pulverizadores dorsais	Electro-bombas
	Recarregadores ..... 1
	Grados de discos ..... 1
	Charruas de discos ..... 1
	" de 2 eixos .. 1
	Moto-cultivadores ..... 1

A mecanização dos trabalhos agrícolas não pode ir muito mais longe visto a extensão da maioria das explorações e não permitir;

contudo, algumas lavouras, sementes e cercas podem ser realizadas por este meio.

Os tipos de máquina mais indicados são o pequeno e o muito pequeno.

Das máquinas existentes conviria generalizar os pulverizadores mecânicos, os cultivadores, as moto e electro-bombas, as grades de discos e os autocultivadores, efectuando-se a introdução de outras, tais como: - roboques, decarcoladores de milho, charruas (tipo brabant).

Para utilização colectiva torna-se necessário, ou melhor, estão indicados os seguintes materiais:

arivos tipo harot

charruas tipo brabant

moto-bombas

tractores pequenos e suas alfaias

decarcoladores

pulverizadores de pressão

ganacheiras

alambiques

grades de rodas e discos

De todo este material o de maior acção e utilidade seria o pulverizador de pressão e a moto-bomba.

A utilização colectiva deste material poderia conseguir-se através da associação, e conservar-se-ia nas proximidades da estrada de Cecilhas e Cotatol, junto a Torre de Marinha, para se situar na zona agrícola mais importante e ser acessível a qualquer das ranchas mais distantes do concelho.

Quadro VIII

Cultura	Praga ou Doença	Frequência	Prejuízos
Trigo	Alforra	Pequena	Pequenos, nos precoces Grandes nos serôdilos
	Fungão	Pequena	Pequenos
	Morrão	"	"
	Brancimento	"	"
Milho	Setonias	"	"
	Brocas	Regular	Alguns
Batata	Míldio	Grande	Grandes nos anos húmidos
	Mal murcho	Pequena	Fracos
"	Fraca	"	" (nos arroxéns)
"	Fraca	Regular	Alguns
Vinha	Míldio	Regular	Alguns
	Oídio	Fraca	Fracos
"	Fulgão	"	"
"	Algodão	"	"
"	No quarto	Regular	Regulares
Oliveira	Mosca	Grande	Grandes
	Ferrugem	"	Regulares
"	Gafa	Regular	"
"	Cochonilha	"	Fracos
"	Tuberculose	"	Regulares
Lavenjeira	Mosca	Grande	Grandes
	Icôria	"	Regulares
"	Fomiga	"	"
"	Cochonilha	"	Grandes
"	Afídios	Regular	Regulares
"	Conose	Fraca	Fracos
"	Ferrugem	Grande	Regulares
Figueira	Lapa	"	Grandes
Macieira	Pedrado	"	"
	Bichado	"	"
"	Tuberculose	"	"
Pereira	Pedrado	"	"
	Bichado	"	"
"	Agrilus	"	"
Nespereira	Pedrado	"	"
	Míldio	Grande	Grandes
Tomate	Podridão a- pical	Regular	Regulares
	Pé negro	Grande	Grandes
Damasqueiro	Mosca	Grande	Enormes
Passoagreiro	Mosca	Grande	Grandes
	Afídios	"	"
"	Legarta	"	Regulares
"	Lepre	"	Regulares
"	Conose	Regular	Fracos
Cultura hog- tícolas	Legarta da couve	Grande	Grandes
	Piolho da couve	"	"
	Podridão da raiz	Fraca	Fracos
Damasqueiro	Caracóis	Grande	Grandes
	Mosca	Grande	Grandes

### Betate - Mal murcha

Esta doença encontra-se com relativa frequência em alguns betateis, originando graves prejuízos quando o agricultor tem por hábito utilizar nas suas plantações betate-sevante de sua produção, originária de campos infectados; quando emprega betate com certificado de sanidade, os prejuízos não são de considerar, havendo casos, muito frequentes em que não se verifica o seu aparecimento mesmo em pés isolados no meio de betateis em que no ano anterior houve sinais de infecção.

A doença que mais prejudica os betateis é o míldio, nos anos de primavera chuvosa, húmida.

### Tombeteiro

Esta descrição curta julgamos poder indicar a existência duma doença que provoca o seu funcionamento, acompanhada, por vezes, do aparecimento simultâneo de novas raízes adventícias; este último facto não pôde ser esclarecido como desejávamos porque a época não era própria.

A extensão dos prejuízos é, por vezes enorme, afectando indistintamente as plantações industriais e familiares, destinadas ao consumo da casa agrícola ou para venda nos mercados.

### Viteira - nó curto

Vai para oito anos que principiam a notar-se o aparecimento deste estado mórbido das viteiras, aparecendo de preferência nas plantas novas.

São para considerar os prejuízos que já cause em algumas regiões apresentando-se mais sensível a esta do nome "diagnósticos" cujos danos provêm das próprias explorações ou de qualquer vizinhança, de cogido, e mesmo acontecendo com os respectivos cavalos. Tem aparecido em vitas plantadas sobre outras vitas.

### Cereais - ferrugens

O agricultor não atribui, aqui, qualquer importância à ferrugens dos pragueiros desde que interrompa as explorações os três primeiros processos, por dedicar pouca importância a outros cereais para grão.

Os métodos de combate mais generalizados são as pulverizações com calda de sulfato de cobre, para os míldios (vitis, betateira, tomateiro), enxofre, para o oídio, cal em pó ou clorato de sódio, para os caracóis e B.D.F. para as diversas lagartas (couve, couve-freira, etc.).

Os serviços de sanidade vegetal deviam estar a cargo dos en-

gestivo agrônomo porque os prejuízos causados pelas pragas e doenças, o número de árvores (23,173) e a sua densidade (em relação à área agrícola, que se aproxima de 47 por hectare), bem o justificam. Este técnico poderia assumir outros serviços de assistência, podendo, simultaneamente, ter idêntico trabalho no vizinho concelho de Alentejo, auxiliado em determinadas épocas do ano, e só durante os primeiros anos, por um regente agrícola. Deveria tornar-se obrigatório o combate a algumas das principais pragas para o que existiria uma associação dotada dos indispensáveis meios à disposição do agricultor. Os produtos fungicidas e insecticidas deviam ter a garantia dum selo próprio e só sendo vendidos quando intacto, de modo a responder pela sua pureza.

### 3 - Indústrias agrícolas

#### a) - Oleícola

Existiam, em 1956, 54.032 oliveiras em exploração extensa ou dispersa pela área de cultura agrícola, distribuindo-se pelas quatro classes de produção da forma seguinte:

- árvores recentemente plantadas .....	7.035
- árvores com menos de 10 anos em desenvolvimento equivalente .....	6.438
- árvores em plena produção .....	18.703
- árvores em declínio .....	7.776

Conclui-se, pois, que esta cultura tem relativo interesse

econômico dentro da exploração agrícola e, que atendendo somente à área agrícola, a sua densidade média é bastante elevada, chegando por vezes de 10 árvores por hectare.

A produção pode distribuir-se, aproximadamente, pelos diferentes tipos de propriedade, da forma seguinte:

Regenciais propriedade .....	10%
Regenciais propriedade .....	43%
Média propriedade .....	53%

Normalmente o oleicultor entrega a produção no lugar recebendo o aceite à razão de 11 litros por 100 quilos de seeltona.

A seeltona produzida no concelho não é totalmente laborada nos quatro lugares existentes porque sai do concelho em grande quantidade, umas vezes para os lugares que ficam a menor distância ou para, para conseguir preços mais favoráveis.

Quadro II  
Lugares existentes e suas características

Lugares	Laboração média 1948/49			Rendimento	Preços de		
	Nº.	Seeltona Kg.	Seeltona L.		Vera	Parafuso	Outros
Antigos	2	20.730	2.730	9,3%	1	0	-
Modernos	2	66.041	13.682	15,7%	-	-	3
Total	4	114.771	16.412	14,1%	1	0	3

b)-Viticola

A viticultura representa a maior riqueza agrícola local, com a sua produção em 50% do valor total dos produtos agrícolas.

Pelo quadro, a seguir, pode analisar-se de importância de cada uma das classes de produtores que efectuaram o cultivo e que devem corresponder a cerca de 90% da totalidade.

Quadro X

Produtores de vinho

Classes de produção L	Freguesias				Total	
	Amora	Boizal	Arren- cala	Paio Vires	Conce- lho	%
até 1.000	38	3	44	30	139	83%
2.000	44	-	13	13	71	38%
3.000	14	-	4	0	27	10%
4.000	15	-	0	33	19	7%
5.000	0	-	2	2	12	3%
7.500	3	-	1	-	4	1%
10.000	3	-	-	-	3	1%
15.000	3	-	-	-	3	1%
Total	141	3	66	50	260	100%

Normalmente o viticultor, fabrica o vinho das suas uvas, ou melhor, do excedente que não teve colocação em natureza, nos mercados de Lisboa e local; por vezes, vende parte da sua colheita

a outros vinicultores ou negociantes, quando não tem material de adega com capacidade para a colheita.

Algumas não interessar a instalação duma adega cooperativa porque os vinhos fabricados, embora imperfeitos, têm colocação assegurada nos mercados local e litoral e, de tal modo, que raras são os vinicultores que o retêm em armazém até depois de Janeiro.

Torna-se necessário divulgar os processos técnicos de fabrico e conservação do vinho.

Não se encontra qualquer tipo de vinho com características que justifiquem especial protecção.

#### a)-Indústrias derivadas da fruta

Não há indústria que utilize a fruta como matéria-prima; contudo, não deixaria de ter certo interesse fomentar a produção de uva, damasco e pereira, bem como, a preparação de várias compotas para o aproveitamento de muitas frutas que, pelo seu volume e aspecto, não têm colocação no mercado a preços remuneradores.

A instalação da indústria da pesca de uva incrementará simultaneamente a cultura da vinha, pelo que se torna necessário orientar o agricultor na escolha das melhores castas.

Qualquer das indústrias que se instale poderá ter carácter colectivo, devendo localizar-se nas proximidades da Torre de S. Vinha pela facilidade de acesso de todas as partes da zona agrícola.

#### d) - Indústrias derivadas dos produtos hortícolas

Os produtos hortícolas são alimentares quaisquer indústrias; em todo, parece de fomentar a instalação de conserveira de ervilha, de tomate, etc. para evitar o esgotamento dos preços quando as produções são elevadas de modo de concorrer nos mercados com as de outras origens, de mais baixo preço de custo.

Esta indústria pode, como a anterior, ter carácter colectivo e intensa localização.

#### e) - Apicultura

As abelhas são indistintamente exploradas em cortiços e colmeias móveis; no entanto, o número de apiários de cortiços é muito superior ao de colmeias móveis.

Segue-se a seguir a distribuição, com relativo arredondamento, o total de unidades existentes pela forma seguinte:

Cortiços .....	53%
Colmeias móveis .....	47%

Existem alguns grandes e várias apiárias:

quadro I  
Grandes de alguns apiários

Colmeias					
Novelas		Cortiços		Nictos	
quant.	Número	quant.	Número	quant.	Número
1	67	1	160	1	66
1	48	1	53	1	50
1	32	1	69	1	1
1	24	1	13	1	0
		1	13		
		1	14		
		1	11		

Os quatro colmeias de colmeias novas pertencem a um só proprietário que os instalou em terras que aluga exclusivamente para aquele fim.

A produção média anual dum cortiço é de 8,0 quilos de mel e o de uma colmeia ultrapassa 8,5 por alça; não é raro, porém, encontrar unidades bem povoadas em que os cortiços produzem, em alguns anos, rendimentos superiores a 10 quilos e as colmeias mais de 32, no total, nas mesmas condições.

O rendimento dos favos extraídos dum cortiço, é:

mel .....	60%
cera .....	34%

## Flora melífera espontânea e florestal, em maior quantidade:

Homeminho	Carqueija	Botoca
Tojo	Sapota	Coque
Sarracela	Carango	Cardos
Saragaço	Orizanda	Quiró
Martelica	Trovo	Sarralha
Alcega	Cricofuras	Trovo amado
Cicuta	Figueira da Índia	Malvas
Madrugaleiro	Sobreiro	Acélias
Choupo	Eucalypto	Ficheiro

## Flora melífera cultivada, hortícola, arborícola e arvenses:

Figueira	Citricos	Macangueiro
Macangueiro	Mangroveiro	Perreira
Machucado	Amêijoira	Cordeiro
Cinjola	Mangroveiro	Vidoeira
Couve	Alfafa	Fava
Brinçanga	Alfafa	Folhosa
Trovo		

Não tenho conhecimento de que se pratique a transumância; o único apêndice das possibilidades de a fazer, tanto pelas suas condições como pelo número de espécies que possui, afirma não ter necessidade de tal e, mesmo que tivesse, não lhe encontrava

possibilidade de êxito ou pelo menos vantagens, desde que não fosse para locais muito afectados.

Esta exploração encontra locais que têm condições consideráveis de eleição, situadas no orle dos pinhais, ou geral, nos pinhais, junto a Formosa Ferro, nas margens de ribeira do Jofim, na entrada do Vale do Milheços, nas Joras da Amora e junto a Colina, na entrada de Cocilhas e Setúbal.

Estas zonas distinguem-se, no conjunto do concelho, por encontrarem nas proximidades abundantes matos espontâneos, constituindo a mata viva das extensões pinhais e pelas culturas das vingueiras e campos próximos.

A produção destina-se ao consumo local dos produtores que possuem pequenas apiárias e à exportação, nos restantes.

O mel produzido é de superior qualidade, tanto pelo aspecto, limpo e claro como pelas propriedades organolépticas, quando o extracção se efectua com os indispensáveis cuidados.

Não vemos possibilidade de poder fomentar a apicultura porque deve estar próxima da saturação a população apícola, em relação à flora espontânea e, possivelmente, à cultivada.

No referente à polinização dos pomares esta dita actividade, está muito compracida, devido à necessidade de emprego de insecticidas para combater as variedades pragas, o que pode ser fatal para as abelhas; para mais tende a alargar-se.

Para que se não verifique decréscimo desta exploração, julgamos de utilidade condicionar o corte do soto que constitui a mata viva dos pinhais; este deveria fazer-se em roçadas de 4 a 6 anos, em faixas sucessivamente paralelas, de largura não superior a 300 metros.

#### f).-Cenicientaria

Não se pratica nem a julgar-se viável, e não ser com aspecto didático, junto das escolas primárias.

#### g).-Outras indústrias

Não existem nem mesmo as de carácter familiar e julgar-se não ser possível o fomento ou introdução de alguma, além das já iniciadas, devido às condições sociais do concelho, muito pouco realizadas, o que influi fortemente nos salários.

### F - Quantidades e valores

#### a).-quantidades unitárias de semente

	Mínima	Média	Máxima
<b>Brvilha, solo arenoso:</b>			
cult. estreita: l .....	200	160	170
" intercaliar: l .....	100	80	80
<b>Milho, solo arenoso:</b>			
cult. estreita: l .....	45	50	50
" intercaliar: l .....	40	30	30

	Máxima	Media	Mínima
Milho e feijão, solo arenoso:			
cult. intercalari: L .....	20/30	15/10	10/10
Fava, solo franco:			
cult. extremo: L .....	255	230	150
"    intercalari: L .....	130	110	100
Trigo, solo arenoso:			
a longo, extremo: L .....	-	80	80
Trigo, solo franco:			
a longo, extremo: L .....	150	100	-
Trigo, solo arenoso: L .....			
	-	45	-
Aveia, solo arenoso:			
para fenojo: L .....	-	230	-
Aveia, solo arenoso:			
para fenojo, extremo: L ...	-	170	-
Cevada, solo arenoso:			
cult. extremo: L .....	150	140	100
Cevada, solo franco:			
para fenojo, extremo: L ....	200	150	140
Centelo, solo arenoso:			
para grão, extremo: L .....	-	45	-
para fenojo, extremo: L ....	-	91	-
Babo, solo franco: Kg. ....			
	-	3	-

	Máxima	Média	Mínima
<b>Milho/cevada, solo de várzea:</b>			
consociado, para terraço: L .	550/300	-	303/227
<b>Barriz, solo de várzea:</b>			
cult. estreita: L .....	40	25	21
<b>Batata, solo arenoso:</b>			
sequeiro: Kg .....	1.300	1.300	1.100
várzea : Kg .....	2.000	1.300	1.300

Nota: a cultura intercalar faz-se normalmente nas várzeas e não em outro lugar, em plantação regular.

#### b)-Produções unitárias médias

##### Culturas arvenses

	Máxima	Média	Mínima
<b>Ervilha, solo arenoso:</b>			
cult. estreita, vagem: Kg ....	7.500	5.000	4.000
" intercalar, vagem: Kg .	4.000	3.000	3.000
<b>Milho, solo arenoso:</b>			
estreita, de sequeiro, grão:Kg	900	600	500
<b>Milho, solo franco:</b>			
estreita, de regadio, grão:Kg	1.000	1.500	1.200
<b>Milho, solo arenoso:</b>			
intercalar de sequeiro, grão:Kg	500	400	300

	Máximas	Médias	Mínimas
Milho e feijão, solo arenoso:			
sequeiro, grão e vagem: Kg ..	2.000/4.000	400/2.500	300/2.000
Fava, solo franco:			
vagem e grão: Kg e L .....	3.000/100	6.000/300	4.000/500
Fava, solo arenoso:			
verde e grão: Kg e L .....	4.000/200	2.000/200	2.000/300
Trigo, solo arenoso: grão, Kg ..	1.500	500	300
Trigo, solo franco: grão, Kg ..	2.000	1.500	1.000
Aveia, solo arenoso, fenofo: Kg	10.000	6.000	4.000
" " " grão: Kg ..	1.500	800	500
Cevada, solo arenoso, grão: Kg ..	1.500	650	500
" solo de várzea, fenofo: Kg	15.000	10.000	4.000
Centeio, solo arenoso, fenofo: Kg	6.000	5.000	1.500
" " " grão: Kg	600	400	300
Berula, solo de várzea, 6 a 7 cotas: Kg .....	30.000	30.000	30.000
Fava e cevada, terra de várzea, fenofo: Kg .....	40.000	20.000	15.000
Anetón, terra de várzea, 5 cotas: Kg .....	-	30.000	-
Batata, solo arenoso, sequeiro: Kg	22.000	11.000	5.000
" solo de várzea, regadio: Kg .....	30.000	22.000	15.000

## Oliveiras

Apresentamos casos concretos de produção de oliveiras, referentes ao ano de 1949, considerado como excepcionalmente bom:

## 1º caso

51 oliveiras de 1ª classe de produção

11	"	"	22	"	"	"
40	"	"	32	"	"	"
10	"	"	42	"	"	"

produziram 3.000 quilos de azeitona, tendo o oleicultor recebido por troca 311 litros: produção média, por oliveira 51,8 quilos ou seja 3,2 l + sequeia aproximadamente.

## 2º caso

10 oliveiras de 1ª classe de produção

6	"	"	22	"	"	"
36	"	"	32	"	"	"
38	"	"	42	"	"	"

produziram 300 quilos de azeitona, recebendo o oleicultor 90 litros de azeite, em troca. Neste caso a produção média por oliveira foi de 3,0 quilos ou seja cerca de 1,0 + sequeia.

## 3º caso

4 oliveiras de 1ª classe de produção

4	"	"	22	"	"	"
34	"	"	32	"	"	"

produziram 1.300 quilos de azeitona, tendo recebido o oleocalter 800 litros de azeite, em troca. Neste caso a produção média por oliveira foi de 43,850 quilos ou, praticamente, 38 quilos por árvore em plena produção ou seja cerca de 4,7 l. + azeite.

Julgamos, contudo, poder atribuir a produção média de 33 quilos <sup>3</sup> ou l. por oliveira em plena produção, (cerca de 25 anos de idade) ou seja as classificadas em 3ª classe.

A produção média do conselho pode ser calculada em 30% duma colheita excepcional tendo em linha de conta que a produção global tende a aumentar, porque há elevado número de árvores recentemente plantadas e outras que ainda não atingiram a plena produção.

### Vinha

Grande parte da produção das vinhas é enviada, em natureza, para os mercados local e de Lisboa; contudo, as produções intencionadas vão expensas em vinho, com a correspondência de 67% de uva em vinho, muito próxima da realidade:

Alguns casos de vinhas em plena produção:

1.000	cepas	produziram	400	litros
1.000	"	"	600	litros
1.000	"	"	450	litros
25.000	"	"	produziram:	

Uva, vendida em natureza, 8.000 quilos ou 3.350 litros  
a transportar 3.350 litros

	transporte	5.330 litros
Vinho branco		1.100 "
Vinho tinto		<u>6.500 "</u>
	Soma .....	12.930 litros
	Produção média por 1.000 cepas	464 "
- 6,875 ha produziram, em 1949		13.600 "
	Produção média por hectare	1.990 litros

Esta vinha não está coluca nos tem-lhe faltado os cuidados culturais indispensáveis, por imperícia do actual encarregado da exploração: em 1940 produzia 60.000 litros, o que corresponde à produção 7.500 litros por hectare.

- 1,6336 ha produziram em 1940, 1.990 litros

Produção média por hectare 1.163 litros

----- + -----

Os comprimentos da vinha variam:

máximo de 1,40 x 1,40 m.

médio de 1,30 x 1,30 m.

mínimo de 1,20 x 0,95 m.

correspondendo às densidades, por hectare:

máxima - 6.000 cepas

média - 6.875 "

mínima - 6.150 "

A plena produção de vinho obtém-se neste conceito por volta dos 8 ou 10 anos, o que depende dos cuidados culturais do bacelo usado e da forma de plantação.

As produções de plantas cultivadas destinadas exclusivamente à alimentação do gado são foram indicadas, seguem, ainda, alguns números e informações:

Quadro XI

Planta ou cultura	Produto	Quantidade Kg.	
		Max.	Min.
Ervilha	Folhas	500	500
Fava	Folhas	500	500
"	Grão	400	50
Trigo	Folhas	2.000	500
Cevada	Folhas	1.000	500
Milho	Folhas	1.000	500
Milho (1)	Frutos	1.500	500
Tomate (2)	Frutos	10.000	-
"	"	"	"
"	"	"	"
Couve (1)	Folhas etc.	"	"
Batata (3)	Tubérculos	2.500	500
Abóboreira			
Melancia			
Árvores de fruto etc.			

(1) - impróprio para consumo

(2) - impróprio para consumo ou seu preço compensador

(3) - de pequeno calibre ou trancatizada.

c) - Equivalência das medidas conceituais

Arroba ..... 15 Kg.

## III - PRODUÇÃO E CONSUMO

A - Produtos agrícolas em o consumo corrente e não exportar

Os principais recursos são praticamente a soja, arroz e milho - cereais destinados à alimentação do gado de trabalho.

B - Produtos locais em quantidade insuficiente

Tão de importar trigo, feijão seco, açúcar, carne (vaca, porco, cordeiro), queijo, cevada, etc.

C - Produtos em excesso

Em determinadas épocas do ano exporta-se em grandes quantidades de os seguintes produtos: batata e hortaliças (pepino, abóbora, couve, feijão verde, etc.).

Produtos em quantidades superiores às consumidas os seguintes produtos: ervilha, tomate, laranja, damasco, pera, figo, etc.

D - Produtos e artigos importados, necessários à indústria agrícola

Importa máquinas, eixos, ferragens, gado de trabalho, adubos, fungicidas, inseticidas, concentrados para alimentação do gado, palha de trigo, feno, licores, etc.

## IV - COMERCIO DOS PRODUTOS AGRICOLAS

## A - Modalidades

O trigo colhido do cultivo da casa agrícola e da semente é obrigatoriamente entregue nos armazéns da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

O milho e cevada é indiferentemente, entregue nos armazéns da Federação ou vendido directamente ao próprio consumidor, ao telegraphista ou ao armazémista.

A venda de frutas pode revestir diversas modalidades app<sup>rox</sup>imadamente assim distribuídas:

- 1ª - o fruticultor colhe a fruta e transporta-a ao mercado local onde a transacciona directamente com o consumidor: não há intermediários.
- 2ª - o fruticultor colhe a fruta nas condições anteriores, leva-a ao mercado para o mercado abastecedor da Capital onde a entrega a um mandatário que, por sua vez, a transacciona directamente com o retalhista. Há dois intermediários - o mandatário, que cobra a sua percentagem e o retalhista.
- 3ª - o fruticultor colhe a transacciona a fruta no local com um negociante de especialidade o qual, por sua vez, a envia para o mercado de Lisboa ou outros.

Neste caso há três intermediários - o comprador por grosso, o mandatário e o retalhista.

45% - o pomareiro vende a futura colheita ao árvore, com os encargos subsequentes de guarda e colheita por conta do comprador, transacções que se efectuam próximo da colheita.

O número de intermediários, neste caso, é de três - comprador de fruta, mandatário e retalhista.

46% - o pomareiro vende a futura colheita durante a floragem ou pouco depois de vingada. Nesta modalidade surgem também três intermediários - o comprador por junto, o mandatário e o retalhista.

Por vezes as duas últimas situações, as de venda da fruta ao pomar, dão origem a mais um intermediário, porque o comprador de pomar a transacciona de novo antes de chegar ao mercado com outro negociante "por junto".

A venda dos produtos hortícolas - repolho, feijão, ervilha, fava, batata, cousto, etc. reveste-se das seguintes modalidades:

47% - o hortelão colhe os produtos e vende-os directamente ao consumidor, nos mercados locais.

48% - o agricultor colhe e vende directamente ao retalhista, no mercado de Lisboa, ou por intermédio dum man-

tário.

10% - o produtor colhe e vende os gêneros a um negociante de especialidade que se transacciona em Lisboa, ao abastecedor.

25% - o horticultor vende a colheita na terra e todos os encargos até à entrega dos produtos ao negociante, ficam por conta deste.

A venda de vinho pode revestir-se das seguintes modalidades:

10% - o vinicultor vende directamente ao público

20% - o vinicultor vende a produção a um armazémista.

70% - o vinicultor vende ao retalhista a colheita.

Os produtos hortícolas que ocupam áreas restritas - cenoura, nabo, alface, cebola, etc. são normalmente vendidos pelo hortelão ao consumidor ou, excepcionalmente, ao vendedor ambulante ou retalhista.

### B - Impostos de destino e suas territorialidades

Fruta - imposto local - 2%

" externo - 25%

Vinho - imposto local - 100%

Repolho, feijão, ervilha, Cova, batata, tomate

- imposto local - 15%

" interno - 25% (alguns destinam-se à alimentação de porcos, etc.)

## Outras hortaliças:

mercado local - 60%

" interno - 40%

## Tendências dos mercados consumidores:

- Laranja - No início da colheita, Dezembro, os mercados consumidores não se encontram abastecidos; a mão de obra e concorrência de fruta do Algarve, Santiago do Cacém, Setúbal, etc. chega a saturá-los, provocando o aviltamento de preço.
- Pera - Verifica-se o mesmo fenómeno, mas a principal concorrente passa a ser a zona de Oeste.
- Damasco - Os principais concorrentes são o Algarve, Montijo, Alcochete, Moita, etc.
- Figo - Em fresco tem mercado muito precário, porque de início sofre a concorrência de Montijo, de Alcochete, etc.
- Uva - Dá-se o mesmo caso da laranja, sendo concorrentes as mais variadas regiões.
- Batata - A colheita coincide com os períodos de maior intensidade de arranques dos concelhos de Barcelos, Moita, Montijo, Alcochete, Removente e de toda a zona de Oeste, etc., pelo que há sérias dificuldades de colocação a preços compensadores.

→ Hortaliças → Espinho, lechuga - tem, desde o início, a concorrência da Moita, pelo que há dificuldades na colocação a preços compensadores.

Folgo, ervilha, fava - no início da colheita tem colocação assegurada, mas a concorrência do Algarve, Moita, Montijo, Alcabate, Alameda, etc. faz com que ao fim de 10 a 20 dias encontre dificuldades de obter preços compensadores.

Os piores concorrentes do tomate de Seixal são o Algarve e Alameda, pelo que só no início da colheita consegue colocação a preços bastante elevados. Quando aparecem os daquela província, de preço mais baixo e em grandes quantidades e, grande parte das vezes, com melhor apresentação, o tomate local desaparece, praticamente, dos mercados da capital.

#### C - Acção dos organismos associativos

Não há qualquer organismo associativo local; somente o Crédito de Lavoura de Alameda e Seixal, com sede em Alameda, mantém uma delegação na freguesia de Seixal.

Não tem desempenhado qualquer acção na comercialização dos produtos agrícolas; limita-se a receber manifestos de produção e

e fornecer aos associados alguns alimentos concentrados para gado de rendimento e, também, fungicidas e inseticidas. O agricultor declara correntemente que lhe não traz qualquer benefício a existência deste organismo pelas condições em que está a trabalhar.

A função dessa associação agrícola neste concelho deveria ser coordenadora e orientadora, tanto da produção como do comércio das suas frutas, procurando a melhoria dos produtos pela sua apresentação e tentando, mesmo, suprimir alguns intermediários desnecessários. Outra finalidade seria a de fornecer aos seus associados alguns alfaias e máquinas agrícolas e, bem assim, facilidades de crédito a taxa conveniente.

## V - TRABALHOS AGRÍCOLA

## A - Salários

No ano de 1956 verificaram-se os seguintes salários:

Homens - 15 - 16 - 18 e 20,00

Mulheres - 8 - 9 e 12,00

Quadro XII  
Valor médio, nos últimos anos, sua variação

Meses	Anos							
	1947		1948		1949		1950	
	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
Janairo	20,00	15,00	20,00	15,00	20,00	15,00	20,00	11,00
Fev.	-	-	20,00	15,00	20,00	15,00	20,00	12,00
Março	23,00	15,00	20,00	13,00	20,00	15,00	20,00	12,00
Abril	20,00	15,00	20,00	13,00	20,00	15,00	-	-
Maio	20,00	15,00	20,00	13,00	20,00	15,00	-	-
Junho	23,00	-	20,00	14,00	20,00	15,00	-	-
Julho	25,00	13,00	20,00	15,00	20,00	15,00	-	-
Agosto	25,00	14,00	20,00	15,00	20,00	15,00	-	-
Setembro	20,00	15,00	20,00	13,00	20,00	15,00	-	-
Outubro	25,00	15,00	20,00	13,00	20,00	15,00	-	-
Novembro	23,00	15,00	20,00	13,00	20,00	15,00	-	-
Dezembro	20,00	15,00	20,00	15,00	20,00	15,00	-	-

- Horário normal de trabalho no campo:

- de 1 de Outubro a 30 de Março:

Início de trabalho - 15 minutos depois do sol nascer

Descanso para almoço - 1 hora

" " jantar - 1 hora

Fim de trabalho - ao sol posto

- de 1 de Abril a 30 de Setembro:

Início de trabalho - 1 hora depois do sol nascer

Descanso para almoço - 1 hora

" " jantar - 2 horas

Fim de trabalho - ao sol posto

Quadro XIII  
Trabalho diário

Mês	tempo médio do sol nas- cer de hori- zonte	tempo de descanso	horas de trabalho diário
Outubro	11,02	2,15	8,40
Novembro	10,33	2,15	7,50
Dezembro	9,57	2,15	7,15
Janeiro	9,45	2,15	7,05
Fevereiro	10,08	2,15	8,15
Março	10,18	2,15	10,00
Abril	10,33	4,00	9,33
Mai	11,33	4,00	10,33
Junho	11,33	4,00	10,33
Julho	11,33	4,00	10,33
Agosto	12,34	4,00	9,34
Setembro	13,40	4,00	8,40

### 3 - Movimentos migratórios periódicos

Há um constante afluxo de trabalhadores rurais à região com o objetivo de melhorarem os salários em relação aos das suas terras; na maior parte dos casos há em vista o suprêdo na indústria e muitas, ainda, deslocam-se por espírito de aventura.

Conquanto não tenham carácter periódico, fixo, estes jornaleiros ocasionais revertem-se, porque uns partes desiludidos das primeiras sondas e outros vêm, ficando-se até o trabalho faltar, para regressarem, umas vezes para as terras de origem e outras, à procura, em diferentes regiões, de que não encontram aqui.

Os serviços no campo ocasionais, por vezes, durante os meses de Agosto, Setembro e parte de Outubro, principalmente para estes jornaleiros ocasionais ou para um ou outro há muito fixado na região mas que não dá o rendimento no trabalho que o patrão deseja.

O número de desempregados é normalmente limitado e para combater estas crises periódicas tem a Câmara e as Juntas de Progre-  
são procedido à realização de obras públicas.

Ultimamente, tem-se visto aumentar o desemprego para estes jornaleiros temporários devido à paralisação ou redução dos dias de trabalho na indústria de construção civil e outras.

VI - PROPRIEDADE E CULTURAÇÃO

1 - Tipo de propriedade

Para conseguir objectivar o conceito da extensão da propriedade deve primeiro seguir o exposto pelo prof. Lima Basto em "A Propriedade Rural Brasileira" que "consistira o terreno da propriedade, não função de sua área mas sim do rendimento que proporciona ao seu proprietário". Dentro deste princípio, que inicialmente adoptamos e se continua a dar solução adequada e em assunto que de há muito vem sendo debatido, procuramos definir a extensão da propriedade para cada um dos tipos existentes, tendo em linha de conta o solo, cultura, etc. e o rendimento que proporciona

Quadro XIV  
Extensão da propriedade - Áreas

Tipo de propriedade	Solo	Cultura	Áreas, em ha.		Em relação à área total do campo colto
			Parcelares	Médias	
Requintada	arenoso	Cult. arv. de regadio	até 2,0	1	25%
"	várzea	Cult. arv. de regadio	0,0		
"	arenoso	Vinha, plena produção	0,0		
"	arenoso	Posto, plena produção	0,0		
Quinta	arenoso	Cult. arv. de regadio	4,0	1,0	3%
"	várzea	Cult. arv. de regadio	1,0		
"	arenoso	Vinha, plena produção	1,0		
"	arenoso	Posto, plena produção	1,0		
Fazenda	arenoso	Cult. arv. de regadio	10,00	3,0	15%
	várzea	Cult. arv. de regadio	3,00		
	arenoso	Vinha, plena produção	7,00		
	arenoso	Posto, plena produção	2,00		
Fundo	arenoso	Milho	+ 250,00	60,0	30%
	"	Cult. arv. de regadio	+ 40,00		
	várzea	Cult. arv. de regadio	+ 10,00		
	arenoso	Vinha, plena produção	+ 10,00		
	"	Posto, plena produção	+ 6,00		

- Apreciação a propriedade é constituída por vários prédios na média e pequena propriedade e por um ou dois na grande e pequenissima. Quando a propriedade é constituída por vários prédios, estes encontram-se dispersos nas proximidades.

B - Valores venais médios

- Houve transações se efectuam com terrenos destinados à exploração agrícola ou florestal e os que se verificam incluídos no preço global, com possibilidades de segurança, terras suas, construções, melhoramentos fundiários, plantações, águas, etc.

As transações de terras suas ou com plantações, últimamente realizadas, destinam-se a construções urbanas e logradouros daquelas de que, pelo carácter que revestem, não podem servir para nos orientar neste trabalho.

Não deixaremos, contudo, de dar lista aproximada dos preços porque se vendem determinados tipos de terra, de acordo com as culturas mais frequentes:

- terras suas, de baixa produtividade, incoltas ou cultivadas com largas pouceiras que, transaccionadas, se destinam normalmente à plantação de vinhas e fruteiras:

por hectare ..... 8.000\$00 a 10.000\$00

- terras de vinha em plena produção, onde se pode fazer coltura intercalar, ou com árvores dispersas

..... 15.000\$00 a 18.000\$00

- terras de fraca produtividade natural, com árvores dispersas

..... 15.000g00 a 25.000g00

- terras regadas de várzea

..... 25.000g00 a 45.000g00

- fazer misto com cerca de 100 árvores por hectare (citri- nos, damasqueiros, pereiras, neoperseiras, figueiras, etc.)

..... 70.000g00 a 90.000g00

- Os valores de rendimento que seguem determinar-se a par- tir do rendimento líquido médio da rotação, em cultura perene, a- doptando como taxa de capitalização 4%, de acordo com o mercado ge- ral de capitais:

- terras novas, de baixa fertilidade, em rotação de ervilha, feve, febrejo e descanço

..... 10.000g00

- o mesmo terreno com a rotação de trigo, centeio, febrejo, descanço

..... 10.500g00

- terreno de vinha, com possibilidades de cultura interan- nal

..... 45.000g00

- terras regadas em rotação de batata-repolho durante mil - los anos

..... 110.000g00

- terras de sequeiro com árvores dispersas (damasqueiros, figueiras, pereiras, etc.), no total de 33, com a rotação de aveia, fava, trigo, feijão
  - ..... 90.000,00
- terras de sequeiro, de tomate, com a rotação: tomate e milho, fava e trigo
  - ..... 30.000,00
- pomar misto, em plena produção (ciruelas 30, damasqueiros 40, pereiras 40, nespereiras 30 e figueiras 30)
  - ..... 200.000,00

#### 0 - Formas de exploração

As explorações de conta própria ocupam aproximadamente 30% da área agrícola, a qual não se deve afetar mais dos 30%, ao se ter em conta a área total do concelho (agrícola e florestal).

Na generalidade, o proprietário florestal vive fora do concelho; quanto ao proprietário-empresário agrícola deve passar-se o seguinte, em relação ao seu número:

10% vivendo fora do concelho  
90% " no concelho

As explorações de terras arrendadas atingem cerca de 30% da área agrícola ou 50% da total; as que têm contratos escritos não devem exceder 35% daquela área.

Na relação ao total de arrendamentos-rendeiros, há conveniência em considerar dois tipos de contratos escritos:

- arrendamentos a longo prazo (30 e mais anos): neste caso, as terras foram recebidas locadas pelo rendeiro, que se comprometeu a beneficiá-las efectivamente, para isso, plantações, melhoramentos fundiários, etc.; a sua duração, por vezes, é superior a 100 anos tendo normalmente o rendeiro o direito de renovação.

- arrendamentos a curto prazo

Como norma, a duração raramente ultrapassa os 15 anos, sendo mais frequentes os casos de 5 e 7.

Nos dois casos considerados é de regra a renovação dos contratos.

Além de contratos verbais de arrendamento, frequentes de tipo "mimo" através de 3 e 4 de parcelas, com o ajustamento de rendas, quando oportuno.

As condições das parcelas são geralmente tais para aumentar as rendas nos últimos anos.

O arrendamento preferencialmente anualmente ao terreno, assim e quando proprietário (com excepção de florestal), nestes dois últimos tipos os proprietários podem dividi-los em talhões, de maior ou menor superfície, para colheitas maiores rendas globais do que se se se de entrega a um só rendeiro.

É difícil, senão quase impossível, indicar as rendas médias segundo os tipos de solos e, mesmo, de propriedade, porque nos contextos figuram em conjunto, terras boas, plantações, direitas, ou seja, construções (habitações, estufas, palmeiras, colmeiras, etc.); no entanto, procuraremos dar uma lista aproximada das rendas em uso em algumas áreas:

- terras boas, de aquecimento, de baixa produtividade natural, situadas em proximidade das estruturas habitacionais  
 ..... 500,00 a 200,00
- terras más, de aquecimento, em zonas melhor que a anterior, com cultivo de culturas de cereais, etc.  
 ..... 200,00 a 1.000,00
- terras negativas, por água não elevada  
 ..... 500,00 a 1.500,00  
 e, mesmo, 2.000,00
- vinhos, com ou sem árvores de fruto (arroz)  
 ..... 1.500,00 a 1.000,00

— + —

As causas dominantes dos arrendamentos podem resumir-se da seguinte forma:

- o proprietário possui outras actividades mais remuneradoras
- o industrial ou negociante, que dispõe de capital, adquiriu a propriedade móvel para seu delírio ou com o intuito de lucro, mas tendo concluído não poder dirigir a ex -

- ploração, resolveu arrendá-la
- falta de capital de exploração
  - o proprietário prefere residir fora do meio rural sem deixar de retirar benefícios dele
  - falta de capacidade directiva do proprietário.

— + —

Não tivemos conhecimento de casos de parceria.

Todas as culturas são praticadas indiferentemente nos quatro tipos de propriedade e nas duas formas de exploração existentes.

No que se refere a vantagens ou inconvenientes das formas de exploração das terras, nas suas relações com a produção, não se nota qualquer diferença entre as terras cultivadas por conta própria ou por arrendamento; os solos cultivados são bastante esgotados e a fertilidade tem de ser mantida porque, de outra forma, não se consegue obter qualquer cultura remuneradora e as vantagens há, é nas terras arrendadas, porque existem algumas propriedades, extensivamente cultivadas, onde se efectuam melhoramentos fundiários, plantações, etc.

Normalmente as terras arrendadas beneficiam com esta forma de exploração, tanto pela intensificação cultural e que estão sujeitas como pelas plantações que se obrigam a fazer, por força dos contratos ou de iniciativa própria, os rendeiros que tendem a ficar-se por longo tempo.

## VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

A- Alcos e nitreiras

Não encontramos qualquer alco e, quanto a nitreiras, só encontramos uma, coberta.

Há necessidade de fomentar quaisquer destas construções, nas as nitreiras ocupam o primeiro lugar, para mais racional aproveitamento dos estrumes e de toda a matéria orgânica disponível. Os alcos só podem oferecer interesse quando o agricultor se dispuser a cultivar forragens, tendo estas construções como finalidade maior a de regular a conservação dos excessos destas no período hiberno-primaveril.

Sulamos dispensável a nitreira coberta, mais cara, porque o regime das chuvas não deve provocar fortes lavagens dos estrumes e a sombra conveniente dum aérreo ou latada livre-a dos ardores do sol, no verão. Uma fossa, de capacidade conveniente, poderia completar a nitreira de terra argilosa, útila.

B- Alojamento dos animais

Encontram-se alguns estábulos para alojamento do gado leiteiro, e mais representado na região, satisfazendo as indispensáveis exigências técnicas e sanitárias; outras há em que estas condições estão satisfeitas no mínimo; outras, ainda, que não satisfazem as

quer em parte. Aos dois primeiros grupos pertence o número mais reduzido.

As principais deficiências encontradas são, resumidamente, as seguintes:

- pequena capacidade, em relação ao número de animais estabelecidos.
- pavimentos térreos, permeáveis ou não, onde os dejectos se infiltram, fermentando e tornando o ambiente nauseabundo.
- paredes de terra, tijolo, taipa, de madeira, latão, etc., sem reboco.
- falta de arrojamento conveniente, porque as portas são estreitas, geralmente uma só.
- ausência de janelas; quando existem estão mal colocadas, impedindo contínuas correntes de ar, quando abertas.
- os materiais usados na construção não evitam as oscilações térmicas bruscas.



I - IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO

A - Importância e situação dos meios florestais

1 - Por não existir ainda, neste concelho, o Cadastro Geométrico da Propriedade Rural donde poderíamos extrair os elementos sobre a distribuição das áreas culturais, limitar-nos-emos a referir, ao resumo, uma ideia aproximada dessa distribuição, sem vindo-nos de valores obtidos, resultantes de estimativas por nós realizadas.

Área agrícola.....	3.400 ha.	- 30%
Área florestal.....	5.300 ha.	- 65%
Área inculta e social.....	<u>410 ha.</u>	- <u>5%</u>
Área total do concelho....	8.100 ha.	- 100%

Este concelho é constituído por 4 freguesias, a saber : Senhora de Conceição (Azinheira), Aldeia de Paio Feres (Coima), Azeira (Correr de Água, Corroios e Foros de Anova) e Arrentela (Ferreiro, Quinta de Cima, Quinta Grande e Torre da Marinha) e , ainda, a sede do concelho. Tem uma densidade populacional de cerca de 150 hab./km<sup>2</sup>.

Todavia, poderemos dizer que este número não representa a realidade, visto que existe uma acentuada diferença entre as zonas, onde se pratica a cultura agrícola e a cultura florestal. É na primeira que se concentra a quase totalidade da população, por

enquanto uma área muito menor do que na segunda, que tem uma superfície de cerca de 4000 e onde existem muito poucas ou nenhuma florestas.

Observando os valores que indicamos no quadro anterior - valores aproximados - verifica-se que o conselho apresenta características predominantemente florestais, pois que a área ocupada pelas espécies que constituem os seus povoamentos (pinheiro, sobreiro e eucalipto) é de cerca de 55%, enquanto a destinada à cultura agrícola ocupa uma superfície que anda à volta de 30%, menos do estado da anterior. Os restantes 15% são destinados aos incultos e à área social.

Julgamos não estar muito fora da realidade, ao indicarmos esta distribuição, a qual só poderia ser exacta, se no conselho já existisse, como atrás dissemos, o Cadastro Geométrico da Propriedade Rural.

3 - As zonas arborizadas não se distribuem regularmente por todas as freguesias do conselho, mas sim de uma modo bastante irregular. Apesar disso, porém, o pinhal aparece em toda a parte.

As zonas mais arborizadas são as do Sul do conselho e do Oeste (lado do mar), sendo as do Norte e Leste aquelas em que predomina a cultura agrícola.

Os pinhais localizam-se entre os limites de oeste de 64 m. e 5 m., sendo os povoamentos mais importantes, o Pinalinho e o Pinal dos Traves.

Os sobreiros aparecem entre limites de cota menos afastados que os anteriores, (máxima 40 m. e mínima 5 m.), constituindo povoaamentos, principalmente, nas Quintas do Conde e da Palmeira.

Finalmente, os eucaliptos localizam-se entre os mesmos limites de cota e aparecem, especialmente, em Terço Ferro e nos terrenos da fábrica de pólvora de Vale do Milhaço.

5 - As espécies indígenas que constituem os matos florestais, são o pinheiro e o sobreiro, com grande predominio do primeiro.

Pode dizer-se que somente as clareiras existentes nos diversos povoaamentos, é que necessitam ser arborizadas, pois que a área inculta com aptidão florestal é muito reduzida, como adiante veremos.

4 - Das espécies exóticas formando matos florestais, simplesmente nos apparece o eucalipto, cuja exploração representa pequena importância para o concelho. Não há vantagens nem tendências para o alargamento desta cultura.

3 - Importância e situação das espécies dispersas ou constituindo povoaamentos de áreas muito reduzidas

5 - Em exemplares isolados ou em pequenos povoaamentos, de áreas muito reduzidas verificamos a existência de castanheiros, abobras

pos e algaríços. Hána duas ditimas espécies aporocas bordejando os cursos de água mais importantes ou as estradas, não tendo actualmente qualquer importância económica para o concelho.

O castanheiro, segundo creemos pelo que nos foi dado observar e pelo que nos disseram, tem possibilidades de alargamento pois os exemplares que existem, cerca de 600, têm bom desenvolvimento vegetativo.

6 - Não encontramos no concelho indivíduos de qualquer espécie florestal que merecessem ser considerados "árvores de interesse público".

7 - Também não encontramos parques ou arboretos de interesse botânico.

#### 8 - Importância económica-social da silvicultura

8 - A silvicultura tem uma grande importância económica resultante da venda dos produtos florestais na sua origem, de que beneficiam os grandes proprietários, principalmente. A valorização do pinhal neste concelho, como a de outros, nesta região da "outra banda", é devida não só à exploração intensiva adoptada, que no também à proximidade do grande mercado lisboeta. A grande taxa florestal que atrás indicamos, poderá bem aquilatar dos grandes rendimentos que o concelho obtém dos seus pinhais uma vez que são explorados com o fim de lucro máximo a obter.

8 - Do ponto de vista social, verifica-se, pelo contrário, que a silvicultura não tem grande importância, pelos produtos próprios do concelho, visto que se trata duma região de grande propriedade e os salários a distribuir são em pequeno número.

Se encararmos, porém, o problema pelo lado da indústria corticeira que é de enorme importância aqui, dependendo da matéria prima adquirida mais ao sul, no Alentejo, principalmente, poderemos já afirmar que o benefício desta actividade é de maior importância.

Pode dizer-se que até ao momento, não existe no concelho o problema do desemprego, o que poderá atribuir-se, em grande parte, sendo totalmente, à importância que as fábricas de cortiça desempenham do ponto de vista social.

## II - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL

### A - Conceito regional da extensão da propriedade florestal

10 - A pequena propriedade florestal será aquela que produza um rendimento bruto anual inferior a 10.000\$00.

A média propriedade, será toda aquela que produza um rendimento bruto anual, variável entre 10.000\$00 e 60.000\$00.

Finalmente, a grande propriedade produzirá um rendimento superior a 60.000\$00.

No concelho abundam predominantemente as grandes propriedades florestais, como se pode verificar pelo quadro que a seguir apresentamos, o qual nos dá a taxa aproximada de área ocupada por cada uma das categorias, em relação à área florestal total:

Pequenas propriedades.....	2%
Médias propriedades.....	6%
Grandes propriedades.....	92%

No que se refere a número de proprietários, o predomínio é das médias proprietárias florestais.

### B - Técnica cultural

11 - Os parques florestais do concelho, são objecto dos seguintes tratamentos culturais:

a) - Nos sobreiros: - podas, limpeza de mato, desbastes, lavouras e desbortamento.

As podas são efectuadas, normalmente, como nos outros pontos do País, com intervalos de 3 ou de 10 anos. Geralmente, as árvores são podadas sem grandes exageros, embora, por vezes, como aconteceu nas últimas efectuadas na região, tenham sido podadas exageradamente (autênticas arceias).

As limpezas de mato, desbastes e lavouras são operações efectuadas geralmente de 3 em 3 anos ou de 5 em 5, cuja finalidade é dar melhores condições de vida e de desenvolvimento ao montado.

Finalmente o desbortamento, é realizado, como na maior parte do País, de 3 em 3 anos e regularmente conduzido.

b) - Nos pinhais: - desbaste e desramação

O desbaste consiste, como se sabe, no corte de indivíduos, geralmente os mais mal conformados, com o fim de dar ao povoamento a distribuição e o espaçamento que mais convém para o seu regular desenvolvimento.

Na região, estes trabalhos de desbaste e os de desramação são bastante exagerados em relação ao que normalmente deveria ser (especialmente no caso da desramação), pois que os proprietários de pinhal procuram obter grandes quantidades de rama (motano) para o mercado interno, principalmente Lisboa. Um outro factor que contribui para a produção exagerada destes produtos é o acirrar

to dos pinhais, ou seja, a abertura e limpeza dos caminhos para o escoamento das serras. Isto porque as lenhas desta zona de Pinheiro têm uma grande procura tanto no mercado local, como no interno.

Os eucaliptos que existem no concelho são, normalmente, explorados em talhadia rasa para a produção de madeiras ou lenhas.

### C - Exploração

12 - O regime de exploração seguido pelos proprietários florestais do concelho é, normalmente, o de conta própria.

Dentro desta modalidade de exploração, acontece que os proprietários, ou vendem os produtos depois de extraídos, ou vendem (caso de pinhal) as árvores ainda em pé para madeiras, lenhas ou ramos. Neste caso a operação de corte é por conta do comprador.

Nos montados de sobreiro, o sistema de exploração também é o de conta própria, sendo a cortiça extraída e as pedras, feitas por pessoal de outras regiões corticeiras do Alentejo.

13 - No que se refere a espécies em abundância de produtos florestais no concelho, verificam-se o seguinte:

Há escassez de produtos de qualidade, como madeiras para obras, pois que as existentes somente servem para barretes ou para tábuas de escrete. Há abundância de outros produtos, como ramos, lenhas e toros para minas, que são exportados para outras partes do país ou para o estrangeiro.

Normalmente, a extração de material lenhoso é superior à capacidade de produção dos povoamentos, pois que em todos eles se nota uma exploração além daquela a que deveriam ser submetidos, havendo uma quase exaustão total de pinhal para produção de madeiras grossas.

Não há tentativas para se efectuarem novas semeaduras ou plantações, fazendo-se a regeneração do arvoredo por semeaduras naturais.

14 - Embora não se consideramos perfeitamente "orientados" pode dizer-se que as explorações florestais do concelho (pinhais particulares), estão sujeitas a uma certa regulamentação, devida à maneira como a sua produção é orientada. A actual exploração dos pinhais é orientada no sentido da produção máxima de toros para a lenha, lenhas e rama para fôrmas (matrazos).

Este sistema de exploração tem o defeito de privar o pinhal de produção de madeiras de grandes dimensões para a construção civil.

Em parcelas de pinhal com área de 1/4 de ha. cada uma, chegou-se à conclusão de que os povoamentos actuais são apenas substituídos por arvoredo de pequenas dimensões, não aparecendo, em nenhuma das parcelas citadas (parcelas de prova), pinhalinos com mais de 0,35 m. de D.A.F. Verificamos, ainda, que o madeiro e o novello ocupam cerca de 22% da área total; o bastio 55% e o fustado uma 6%.

13 - Pelo actual sistema de exploração dos povoamentos, obtêm-se os seguintes produtos florestais:

montados de sobre: - cortiça, lenhas e ossos tanantes;

pinhais: - madeiras (poucas), enteiros para lenha, lenhas, ramos.

Além destes produtos, há ainda a considerar os matos, que são extraídos tanto dos pinhais como dos montados e o carvão.

14 - Embora seja um pouco difícil apresentar valores exatíssimos sobre as produções médias médias, para cada um dos produtos acima indicados, vamos, todavia, procurar dar uma respectiva e mais aproximada possível da realidade, com a base em alguns valores obtidos em diversas inquéritos efectuadas.

A produção média anual de cortiça em todo o concelho é de cerca de 2.500 toneladas, com as seguintes características: cortiça de regular qualidade 80% e cortiça de má qualidade 10%. A lenha de sobre regista por cerca de 7,5 kg. por árvore.

Para os municípios, dada a pequena importância que representam para o concelho e para os seus proprietários, não conseguimos dados referentes à sua exploração.

Finalmente, para os pinhais, conseguimos os elementos necessários à produção média anual para um determinado povoamento, (dados fornecidos pelo Eng. Silvicultor José Tomas Oca).

Em tempo normal, um quarto de um povoamento de 100 ha.,

os sejas, 335 ha., produzia anualmente cerca de 1.000 toneladas de madeira e 2.500 talhas de rama (cada talha tem 60 melhos). Além disso, por vezes ainda, se tiravam mais 500 toneladas de madeira, o que era muito raro. Actualmente deveu tirar-se menores quantidades.

Isto dá as seguintes produções por ha. de pinhal, em tempo normal:

Madeira.....	4,4 toneladas
Rama.....	11 talhas
Madeira (extraordinária).....	2,2 toneladas

Quadro XV

Corticeo extraído no concelho de Seixal

(Dados obtidos na Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas)

Anos	Quantidades em arrobas		
	Amadia	Virgem	Total
1940	2.777	153	2.930
1941	304	153	457
1942	650	150	800
1943	1.266	147	1.413
1944	9.009	935	10.944
1945	1.544	205	1.749
1946	300	30	330
1947	473	246	719
1948	1.697	306	2.003
1949	2.101	350	2.451
Total	22.119	2.757	24.876
Média	2.311,9	275,7	2.587,6

17 - No que se refere a preços médios unitários dos diversos produtos, fomos mais felizes do que no caso anterior, talvez por serem elementos que os proprietários registam com maior facilidade.

Assim, conseguimos os seguintes valores para os produtos vendidos na origem:

Madeiras.....	450,00/ton.
Estreios.....	150,00/ton.
Latas.....	50,00/ton.
Ramas.....	40,00/talim
Cépos.....	40,00/ton.
Cortiça.....	19,00/arroba
Linha.....	150,00/ton.
Casaca tanantes.....	1,00/Kg.

O cervão regula por 200 a 250 o quilo.

18 - As indústrias ligadas à exploração florestal, quer directamente quer indirectamente, são as seguintes:

Carpintarias de carroçagens

Alfredo da Silva Júnior - ARRAPIXELA

Bonifácio Ferreira - ARRAPIXELA

Carpintarias mecânicas

A. Silva & Silva, Lda. - BUIVAL

José dos Santos Júnior - ARRAPIXELA

Carvão vegetal

Antônio Caraca - FERNÃO FERRO

Coal Substitute Limited - COINA

Júlio A. de Almeida - FERNÃO FERRO

Manuel Viegas - SEIXAL

Raúl Teixeira - SEIXAL

Construtores civis

A. Silva & Silva, Ltda. - SEIXAL

Antônio V. da Silva - AMORA

Bonifácio Duarte Cunha - SEIXAL

Manuel Nunes - SEIXAL

Manuel de Oliveira - SEIXAL

Manuel Ribeiro - SEIXAL

Silvino Lopes - AMORA

Construtores navais

Alfredi R.S. Júnior - SEIXAL

Antônio Policarpo Ferreira - SEIXAL

Alvaro Lopes Vasâncio - AMORA

Bonifácio da Silva Valente - AMORA

Marítima do Sul - ARRENTELA

Sociedade de Construções e Reparações Navais -

ARRENTELA

Estâncias de madeiras

A. Silva & Silva, Ltda. - SEIXAL

José Pedro - ARRENTADA

Fabricantes de cal

Albertino Martins - AMORA

Ceetano de Almeida Lima - ALBERTA DE PAIO PIRES

Sociedade Industrial Lucitana, Ltda. - AMORA

Materiais de construção

A. Silva & Silva, Ltda. - BRIZAL

Negociantes de lenhas

José A. A. Lima (Herdeiros) - ALBERTA DE PAIO PIRES

José dos Santos (Herdeiros) - AMORA

Manuel Luis de Carvalho (Herdeiros) - AMORA

Negociantes de mobílias de madeira

António Gonçalves - BRIZAL

Lopes & Silvas - BRIZAL

Saúl Lopes - BRIZAL

Serrações de madeiras

José dos Santos Júnior - BRIZAL

Mais uma vez frisamos que a maior parte do material laborado por estas indústrias é proveniente dos outros concelhos do País.

Fábricas de produtos de cortiça

## a) - a laborar:

C. G. Eleonor, Ltda. - Quinta de D. Maria, Seixal

Cândido Pedro da Silva Duarte - Quinta da Trindade, Seixal

Carlos Pereira - Estrada de Sabrosa - Corroios, Seixal

Custódio Nomen de Pinho - Rua da Cruzinha, 4 - Arrentela, Seixal

Mundet & C<sup>a</sup>, Ltda. - Rua Mundet, Acoia - Seixal

Produtos Cortiçeiros Portugueses, Ltda. - Avenida Marginal Silva Gomes - Acoia, Seixal

Mundet & C<sup>a</sup>, Ltda. - Estrada de Arrentela - Seixal

## b) - paradas:

Bruno Marques Salgado - Quinta de Manuel André, Seixal

Custódio Nomen de Pinho - Estrada Marginal, Arrentela - Seixal

Manuel Elias Vargas - Rua Dr. Oliveira Salazar - Seixal

10 - Os produtos resultantes da exploração florestal con-  
celha, que anteriormente tinham, têm o seguinte destino:

**Eucalyptal:**

Lenhas - Em virtude da sua diminuta área e pela forma como  
são exploradas, não passam na economia do concelho.

**Fiscal:**

Resina - cerca de 50% para o consumo do concelho

" " 50% para consumo fora do concelho

Madeirasas - cortas de 80% para consumo do concelho

" = 80% para fora do concelho

Kateicos para mimas - 100% para o mercado externo

**Montado:**

Cortiça - 100% para o mercado externo

Leiras - 50% para o consumo local

50% para o mercado interno

Canas tanentes - 100% para fora do concelho

30 - A mão de obra unitária empregada na exploração florestal, é a seguinte, por hectare:

**Pinhai:**

Para a factura da rama..... 8 jornais/homen

Para a factura da lenha..... 8 jornais/homen

Para a factura da madeira..... 8 jornais/homen

Para cortes de mato..... 8 jornais/homen

A época predominante para a execução destes trabalhos é a que vai de Abril a Setembro e o salário regula por 35,00 diários.

**Montado:**

Para as podas..... 7 a 10 jornais/homen

Para o descortçamento..... 15 arrobas/homen

A época predominante destes trabalhos é de Dezembro a Março para a poda e de Junho a Agosto para o descortçamento. Os

salários regulares por 25,00 e 30,00 diárias.

21 - Os estabelecimentos corticeiros foram aqui instalados devido à localização exclusivamente, visto que a matéria prima vem de todos os pontos do país, sendo certamente, como já o temos acentuado, o menor contingente fornecido por este conselho.

A comercialização dos produtos é feita à base da lei de oferta e de procura, principalmente a cortiça. Não se tem podido, até hoje, modificar tal sistema, apesar dos esforços dispendidos pelas organizações competentes (especialmente a Junta Nacional da Cortiça), por o mesmo sistema estar fora do âmbito das actividades nacionais, correndo a influência duma política mundial de preços.

22 - Não nos parece, não nos parece que actualmente e com os processos de exploração seguidos, se torna útil ou necessário modificar os sistemas de comercialização utilizados.

### III - ARBORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL, INCULTEOS E BALDIOS

#### A - Transformação cultural

25 - Os pinhais são os povoamentos que constituem a quase totalidade dos matos florestais pois que os matos de sobre e os eucaliptais têm pequena importância no concelho.

O pinhal apresenta-se, duma maneira geral, com bom aspeto vegetativo e com crescimento e desenvolvimento regulares, sobretudo nos terrenos arenosos do pliocénico. Nos terrenos em que a percentagem de argila é maior, o desenvolvimento dos pinhais é um pouco menor e o crescimento é mais fraco.

Referencia afirmar, pois, que o pinhal, na região, encontra-se bem localizado. Na mesma opinião seria de toda a conveniência proceder-se ao revegetamento florestal de todas as clareiras existentes, pois que a maior parte delas encontram-se bastante claras.

#### B - Incultos (24, 25 e 26)

A área de incultos do concelho é relativamente reduzida, ou mesmo insignificante, como vimos no n.º 1.

#### C - Baldios (27, 28 e 29)

Os baldios do concelho, todos pertencentes à Câmara Municipal

**oipal, ocupan una área total de cerca de 1 hectare con cualquier  
importancia para o noso caso.**

#### IV - FIXAÇÃO DOS TERREINHOS EROSIONADOS - CORRECÇÃO TERRACENAL.

(30, 31, 32, 33 e 34)

Depois de várias visitas e inspecções através do concelho, verificamos que o fenómeno de erosão faz-se sentir em todo o concelho, com maior ou menor intensidade, conforme os casos. No entanto, essa intensidade é maior na parte mais declivosa do concelho e menos protegida por vegetação, nos ribeiros principais e, sobretudo, junto ao litoral. É menos intensa na parte plana ou quase plana, que está mais revestida de vegetação.

O factor que mais contribui para a intensificação dos fenómenos de erosão, é o homem com a exploração intensiva das terras destinadas à cultura agrícola que é levada ao eragbro pela proximidade dos grandes centros consumidores.

Pode dizer-se que, duma maneira geral, todos os terrenos são pobres e soltos, sendo falta de matéria orgânica e nalguns pontos muito pouco profundos, com o aparecimento de "surraipa" a pouca altura, circunstâncias estas que facilitam a acção do fenómeno.

Habera uma grande parte da área do concelho assente em terrenos planos ou quase planos, verifica-se, todavia, que existam alguns casos de erosão profunda, mais ou menos intensos (como no Talaninho - Sarrocos), motivados pela exploração desregulada dos solos e pelos cortes intensivos do arvoredo. Os efeitos e

desta espécie poderia ser bastante atenuada, segundo nos parece, desde que sejam gradualmente regulados os cortes de mato, os quais deveriam ser feitos em faixas nos terrenos mais inclinados, de - vindo essas faixas ser orientadas segundo as curvas de nível.

Nas zonas de pinhal, onde a exploração se faz inteiramente pelo método de jardinagem e a regeneração natural se pro - duz com grande facilidade, a criação não se faz sentir tão profun - damente, pois, geralmente, todos os porcosmentos se encontram re - vestidos de vegetação sub-arbustiva.

Normalmente, o desenvolvimento das matas é bastante fra - co, devido à intensa exploração e que está subestiva, em virtude de dos cortes desordenados que se usam quer pela necessidade que deles têm para as casas do gado, quer para combustível caseiro ou industrial (indústrias de cerâmica e de cal). As consequências que daí provêm são de certa gravidade, tanto no que diz respeito à de - feza das encostas desprotegidas, como ainda, pela falta que os ma - tos fazem a uma indústria que vive exclusivamente da vegetação ar - bustiva do pinhal e se localiza nos seus limites ou muito perto. Queramos referir-nos à indústria apícola - para a exploração de mel e cera - cuja importância no conselho foi posta em evidência no relatório do inquérito agronômico (I Parte).

Nas áreas de insulhas com aprilho florestal, também se combatem, com êxito, a criação procedente à semeadura de pinhal e deixando desenvolver as matas livremente.

Não vemos necessidade de efectuar quaisquer obras de hi - dráulica florestal.

## V - ASSUNTOS DIVERSOS

35 - Quase todo o material lenhoso trabalhado no cone-  
lho (madeiras) é proveniente de outros pontos do país. Não se pro-  
duzem madeiras de qualidade sendo o pinhal explorado para outros  
fins, como vinhos. As madeiras aqui produzidas servem apenas pa-  
ra a caixotaria ou para serrafos.

36 - Não existem viveiros florestais quer na posse do  
Estado, quer de particulares e não se torna necessária a sua im-  
plantação.

37 - Também não existe qualquer problema ligado à pro-  
dução, pois os cursos de água não têm possibilidades para tal  
gênero de exploração.

38 - No que se refere a pragas e epifitias, apenas é  
de considerar os danos e aparecimento de processionária nos  
pinhais, embora atualmente poucos estragos, de momento.

39 - Das espécies de particular valor nacional, tais co-  
mo, os carvalhos, os castanheiros, etc., sómente, como o já mên-  
cionado no princípio do presente relatório, encontramos o castanhei-  
ro. Pelo que nos foi dado observar, constatamos que esta espé-  
cie não têm sido alvo de grandes devastações, mas antes pelo con-

trário, tem sido bastante protegida pelas seus proprietários.

40 - Não se efectuam a práticas de restrição nos pinhais do concelho, embora já se tivessem realizado há alguns anos nos pinhais pertencentes à Casa de Palmeira.

41 - Embora tivessem visto no concelho casos de ar - reia em sobreiros, supomos que isto não é prática corrente na região.

42 - O descastamento no concelho é regularmente con - ducido.

43 - Não há necessidade de aumentar o número de anos de criação de cortiça, com o fim de melhorar a sua qualidade, por - que essa qualidade em nada se modificará com tal prática.

44 - Não encontramos espécies florestais que desceja - m em ou possam vir a desenvolver elementos indispensáveis na ex - ploração dos pinhos, pela constituição de pastos arbóreos.

**PRIMEIRA PARTE:**

**OS PROBLEMAS DO CONCELHO**

## GENERALIDADES

Ao percorrer o concelho nota-se acentuada dominância da área florestal sobre as terras agricultadas, em que o pinheiro bravo ocupa mais de 70% da área total; formando pequenos maciços ou não, encontram-se alguns sobreiros, pinheiros mansos, salgueiros, eucaliptos, choupos, etc., geralmente dispersos fora da área florestal referida, que pode computar <sup>-se</sup> em 1% da área total.

Os 25% restantes distribuem-se, aproximadamente: 22% pelas terras de cultura agrícola e 3% pelas incultas e área social.

Este concelho apresenta alguns problemas cuja solução conveniente proporcionará, directa ou indirectamente, melhoria na técnica de exploração do solo agrícola, a qual se reflectirá num maior desafogo económico dos seus possuidores, agricultores, etc. São eles resumidamente os seguintes:

## I - CONSERVAÇÃO DO SOLO

Erosão

Exceptuando a parte inferior dos diversos cursos de água, que directamente desaguam nos limões do Tejo, todo o concelho sofre os efeitos da erosão, com intensidade variável, crescente da zona florestal para a agrícola; contudo, só na Barroca, junto à quinta do Talaminho, atinge abismos acidentada, interessando uma

superfície de orden das 6 hectares.

As causas determinantes das condições existentes ligam-se diretamente aos fatores seguintes:

- fraco poder esgotamento das águas, pela ausência de material coloidal;
- constante revolvimento em todas as épocas do ano nas terras sujeitas a elevada intensificação cultural;
- existência da camada impermeável a baixa profundidade, que facilita a rápida saturação com pequenas quedas de chuva.



Para obter a estes fatores julgamos recomendável as seguintes ações que muito pouco influiriam nas tradicionais técnicas culturais, beneficiando-as, até, por se facilitar a maior infiltração das águas caídas:

- nivelamento de terras, para reduzir as declives, com traçados de terra, em talude natural ou revestido quando exigível técnicas e economicamente;
- construção de drenos, com declive reduzido, tanto a descoberto como enterrados;
- emprego de sub-soladores quando as terras são impermeáveis a pequena profundidade.

### Fertilização

A intensificação cultural, baseada na constituição das colheitas, no milho, etc., implica a necessidade de lhes administrar copiosas e frequentes fertilizações orgânicas, que agilizem bastante para não degradar constantemente. Por este facto torna-se necessário conseguir matéria orgânica suficiente para manter ou, mesmo, aumentar o nível de produtividade actual com o fim de poder baixar o custo de produção, pelo aumento do volume das colheitas.

Esta matéria orgânica pode obter-se pelo aumento das quantidades de estrume de curral que só pode resultar do enriquecimento dos efectivos pecuários; está limitada pelas condições agro-culturais típicas e pelo emprego das linhas de milho, Alameda ou outras.

Julgamos poder computer estas necessidades, variáveis com a cultura, nas seguintes quantidades médias, por hectare.

Cultura	Duração	Quantidade	Observação
Seguina	1 ano	50.000 Kg.	Beneficia 2 ou mais culturas
Segueteiro	1 ano	10.000 Kg.	Beneficia 1 ou 2 culturas
Vilva	4 anos	10.000 Kg.	Não inclui a cultura intercalar
Feno	4 ou 5 anos	3 a 5.000 Kg.	Não inclui a cultura intercalar

Os estrumes ou linhas de preferência serão ministrados a estas colheitas num grau pouco adiantado de curtiçamento porque, desta maneira

do, os benefícios, principalmente no caso das culturas ribeirinhas, são nitidamente superiores aos das terras altas.

O estabelecimento de linhas a este caso tem sido em tanto comprometido nos últimos anos, devido ao aumento de áreas que beneficiam. Deves-se ser necessário regular o seu comércio, através de bulção e preço através da associação dos agricultores de toda a margem ribeirinha de margem sul do Tejo que facilitem a exploração das terras em fertilizações orgânicas, sem as quais não podem continuar a cultivar economicamente estas terras, sem quebra muito em nível do seu nível de vida e de de grande número de trabalhadores rurais.

#### Estado e defesa da margem baixa

Quando durante a maré baixa observa o estuário atual que se estende de Corroios até ao Tejo, limitado a margem pela linha original que vai do quartel de marinheiros de Alfaiate até à ponte de Corroios, em frente de Calizel, verifica a viabilidade de levar à cultura áreas de 200 ha.; para tanto, basta construir um dique, mesmo de terra batida, entre a ponte de Calizel de Alfaiate e um ponto intermédio entre os moinhos de Calizel e do Capitão, com o comprimento, aproximado, de 550 metros. Torna-se necessário manter uma via de escoamento para dar saída às águas da ribeira de Corroios e St. Marta. O dique deverá ter um descarregador de emergência acima do nível das marés máximas e comportas automáticas para a descarga

das madeiras, depois das águas repousarem para depositar os materiais corajados e em suspensão.

## II - Águas

Como é sabido a melhor forma de regular as produções locais das culturas arvenses consiste no regadio; este facto, assinalado e preconizado através das obras pelas técnicas agrícolas, já principia a interessar elevada número de agricultores tendo, mesmo, certo vulto a preocupação de obter água para aquele fim.

Na zona em estudo pode obter-se por qualquer das seguintes meios:

Reverramento - Julga-se aconselhável a construção duma albufeira no curso superior do rio Coima, próximo de Amenas de Ordeas já se armazenar água em quantidade tal que permita levar ao regadio algumas centenas de hectares de terras de várzea pertencente aos concelhos de Melim, Sarracino, Catáral e Souselas e beneficiar as terras arborícolas, caso a água sobre e a energia tenha preço de utilização económica.

Repres, luzes artificiais - Pode dar-se caso certo que em toda a extensão do território mencionado há possibilidade de obter água subterrâneas, a maior ou menor profundidade, pelo que bastará efectuar a abertura de poços ou de furos, quando a construção das mesmas não seja económica.

## III - FRUTICULTURA

É enorme a importância da fruticultura na economia do con-  
celho bastando verificar o número de hectares de talos em es-  
pécies dispersas pela zona agrícola, que atingem a média de 47  
por hectare. De sua importância nasce a necessidade de solucionar  
alguns problemas de que depende o aumento de produção e a valori-  
zação dos produtos:

Ecologia das espécies frutíferas - Das relações mútuas de  
talos os organismos que vivem num talco e mesmo lugar, e de sua  
adaptação ao solo que os rodeiam, aparece a necessidade de deter-  
minar quais as espécies ou suas variedades que melhor se adaptam  
em determinadas áreas do região; no presente caso, tem-se em vis-  
ta obter elementos seguros que possam contribuir à escolha das fru-  
teiras - espécies ou variedades - de melhor adaptação, tomando em  
linha de conta as exigências dos mercados, a qualidade, e a época de  
melhor colheita.

Variedades - Na escolha das variedades, das espécies melhor  
adaptadas ao solo, deve ter-se como preocupação dominante:

- a época de maturação, relacionada com a concorrência no  
principal mercado consumidor
- a produtividade
- a cor, volume dos frutos, etc.

### Cavalos de anuário

Na escolha de um bom porta-anuário deve atender-se as seguintes condições:

- homogeneidade e regularidade de vegetação
- boa adaptação ao solo
- boa afinidade para os garfos.

Quando este assunto se apresenta com interesse na exploração frutífera em geral é, no entanto, na cultura da vinha que a oportunidade de um estudo mais aprofundado, pelo que se torna necessário determinar os porta-anuários que satisficam, nas suas relações com as castas mais difíceis ou que pelas suas qualidades venham a introduzir-se, tanto para a produção de uva de consumo, em natureza, como para vinificar.

Polinização - De excepção aos pomares de oliveiras e em os de amendoal, em outras foram instaladas ao acaso, verificando-se a possibilidade de espécies e variedades de modo que os problemas ligados à infertilidade não se tornem patentes aos olhos do produtor; no entanto este facto é, por vezes, de tal natureza que, frequentemente, conduz ao fracasso económico da sua exploração.

O caso mais patente de infertilidade ocorre-se nos pomares de cerejeiras constituído por uma só variedade, vegetando nas se-

libres condições e floridas abundantemente, mas, que não conseguem frutificar, os frutos produzidos das pomar arbóreas, que frutificam abundantemente, mas sendo dispersas outras variedades foi a que se especializa por apresentar frutos comercialmente mais valiosos :

Este e outros exemplos levaram-nos a iniciar este assunto, no quadro dos problemas a resolver os, pelo menos, e estabelecer quem de os deve instalar pomares.

Polpa - nota-se em todo este conselho o quase total desconhecimento da forma como deve ser conduzida esta operação pelo que se torna indispensável orientar o maior número de indivíduos na forma de efectuar aquela tarefa os quais, só por si podem transferir totalmente o actual estado de coisas.

Acondicionamento e calibragem - da Vieira Natividade não pode existir comércio fruteiro bem organizado sem que a produção obedeça a uma clara finalidade. O problema de colocação e valorização das nossas frutas está intimamente ligado à arte de saber produzir. A solução do problema apontado pode ser auxiliada pela conveniente calibragem dos produtos oferecidos para venda e, bem assim, no aspecto agradável e simultaneamente económico do seu acondicionamento.

## IV - AGRICULTURA

A exploração agrícola apresenta-se com o duplo interesse da polinização de 25.000 árvores de fruto e da valorização das matas espontâneas que formam a mata viva da estância Santa Florentina.

Embora apresentando ótimas condições naturais para a exploração agrícola, o futuro desta actividade está em grande dependência do transformação-se num sério problema o da alimentação das estâncias se não for condicionado o corte de matos, que deve effectuar-se por faixas alternadas, de largura nunca superior a 500 metros.

Outro problema surgirá quando se tomar corrente o tratamento das pomares com insecticidas, à base de D D T, para o que deve ser chamada a atenção dos entomologistas.

## V - INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

De uma forma geral a produção e o consumo dos produtos hortícolas e frutícolas não deixará de ser o objecto almejado graças ao conseguimento do conveniente armazenamento, para evitar as contingências duma conservação precária, o qual só poderá ser obtido pela utilização racional do frio, industrial na generalidade e natural, quando se torne possível.

Chama-se a atenção para a conservação dos excedentes hortícolas e frutícolas, porque é de magna importância resolver o pro-

diens para todos e margem sei do Tojo, designado por "Outra Banda".

#### VI - PROBLEMAS DIVULGADOS

Este conselho há outros problemas a solucionar mas o seu carácter de generalização a todo o país faz com que nos limitemos a enunciá-los:

- estatísticas económicas
- estatísticas técnicas
- estatuto de arrendamento (determinação de renda justa e limite mínimo de duração dos contratos)
- cooperativas de produção